

Universidade de São Paulo (USP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
Departamento de Letras Modernas (DLM)

Relatório Final de Iniciação Científica

Tradução comentada das “Cartas dos irmãos Weise”

Escritas na Colônia Blumenau entre 1855 e 1856

Aluno: **Fernando Weise**

fweise@usp.br

(47) 93300-5567

Orientadora: **Magdalena Nowinska**

mnowinska@usp.br

(11) 3091-5041

Trabalho de Iniciação Científica
realizado com bolsa **PIBIC**
(FFLCH/USP)

São Paulo

2025

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	2
2. APRESENTAÇÃO.....	3
3. METODOLOGIA.....	5
3.1. CORPUS DE PESQUISA.....	6
4. CONTEXTO HISTÓRICO.....	7
5. ANÁLISE TEXTUAL.....	16
6. TRADUÇÕES.....	20
7. CONCLUSÃO.....	22
8. REFERÊNCIAS.....	23
9. ANEXOS.....	26
ANEXO A: TRANSCRIÇÃO.....	26
ANEXO B: QUADRO COMPARATIVO.....	33

1. RESUMO

Em face das comemorações do bicentenário da imigração alemã no Brasil, que se deram no último ano, o projeto teve por objetivo a tradução comentada de cartas escritas a familiares por dois irmãos emigrados do interior da Turíngia para a Colônia Blumenau na década de 1850. O texto tem um cunho pessoal, mas também sobretudo um conteúdo informativo acerca da viagem e dos primórdios da vida no novo país. As cartas foram publicadas em um semanário anexo ao “Jornal Geral da Emigração” de Rudolstadt, material que foi encontrado digitalizado no *Landesarchiv Thüringen*. Como fundamento para o trabalho foi realizada uma pesquisa histórica e bibliográfica sobre o contexto da emigração alemã do século XIX e sua relação com a publicação e a mediação editorial, tendo em vista os possíveis interesses do redator. A elaboração de notas explicativas complementa a tradução, situando o texto em português para o leitor. Ainda que as cartas não tenham um caráter eminentemente literário, podem ser também lidas e apresentadas a partir deste ponto de vista, estando inseridas numa tradição que revela o olhar estrangeiro para o Brasil, bem como a formação de um Brasil de língua alemã.

2. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de iniciação científica teve por objetivo uma tradução comentada de cinco cartas escritas no decorrer dos anos de 1855 e 1856 por dois irmãos emigrados do interior da Turíngia (atual Alemanha) para a incipiente Colônia Blumenau, na província de Santa Catarina, no sul do Brasil. Johann Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise escrevem alternadamente relatando sobre a travessia de Hamburgo a São Francisco e a chegada à colônia, e descrevem, para além das relações pessoais ali travadas, aspectos sociais, econômicos e ambientais da vida no novo continente, como a adaptação ao clima e à alimentação, o andamento dos empreendimentos coloniais, os primeiros contatos com os nativos e a surpresa diante das cheias do rio Itajaí. Temos hoje acesso a este material por conta de sua publicação em 1857 num folhetim suplementar ao “Jornal Geral da Emigração”, editado pela tipografia Fröbel, de Rudolstadt. Para além dos relatos escritos pelo próprio colonizador Hermann Blumenau, estas cartas estão entre as primeiras notícias de imigrantes radicados na referida colônia a aparecerem na imprensa alemã e constituem, tanto por seu conteúdo, quanto pelas circunstâncias de sua publicação, importante fonte para sua historiografia, bem como para o estudo da imigração alemã para o Brasil no século XIX, o que justifica a importância deste trabalho de tradução.

Uma pesquisa digital no inventário do Arquivo Histórico de Blumenau permite situar cronologicamente as cartas que aqui se propõe traduzir como parte dos primeiros registros escritos acerca dos primórdios da vida na colônia. Seu valor histórico, em especial para a pesquisa sobre a imigração alemã em Santa Catarina, é patente. De fato, a tradução de Bendocchi Alves é citada, no que se pode encontrar, em ao menos um artigo científico a respeito da influência do clima nos imigrantes europeus do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. (SANTOS et. al., 2023, p. 135-155). Ademais, o caráter complexo da intenção textual, dentre outras particularidades linguísticas, parece interessante no sentido de ensejar reflexões oportunas acerca do próprio texto.

O presente trabalho não é de forma alguma redundante em face à existência de traduções prévias, principalmente por conta da proposta de tradução comentada, além da elaboração de notas explicativas em relação a diferentes elementos textuais. Vale lembrar enfim, que o desenvolvimento do trabalho proposto se faz ainda mais oportuno no contexto da comemoração do bicentenário da imigração alemã no Brasil neste ano de 2024.

Neste relatório, descreve-se em primeiro lugar a metodologia das atividades realizadas. A seguir, apresenta-se os resultados da pesquisa sobre do contexto histórico da produção e da

publicação das cartas. Após a contextualização histórica, apresenta-se uma discussão fundamentada na análise do texto fonte e de suas traduções prévias como subsídio para a proposta de uma nova tradução. Por fim, apresentam-se os resultados da pesquisa, que incluem tanto a tradução comentada em si, quanto as novas perspectivas de trabalho que se abrem a partir dela. Em anexo encontram-se a transcrição das cartas a partir da publicação original, um quadro comparativo das traduções prévias e o texto final da tradução anotada em formato tabular.

3. METODOLOGIA

No âmbito desta pesquisa de iniciação científica, procurou-se seguir o cronograma proposto para o primeiro semestre, o qual previa, nesta primeira fase, especialmente atividades preparatórias para o trabalho de tradução e comentário. Em primeiro lugar, buscou-se estabelecer o texto fonte, por meio da sua transcrição a partir dos quatro números digitalizados do semário “Der Pilot - Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeine Auswanderungs-Zeitung”, em que aparecem as cinco cartas que compõem o corpus de trabalho. Ainda em setembro de 2024, realizou-se uma visita ao “Arquivo Histórico José Ferreira da Silva”, em Blumenau. Para além de um levantamento de bibliografia a respeito da história da colônia, foi possível encontrar no acervo digitalizado, através do acesso obtido ao sistema online de pesquisa, os documentos integrais de uma primeira tradução manuscrita e anônima, sem data conhecida, realizada no contexto do arquivo. Além disso, encontrou-se outra tradução, aparentemente baseada nesta primeira, publicada na revista “Blumenau em Cadernos” no ano de 1963. O estudo e a crítica destas traduções prévias vieram a pautar a estratégia para uma nova tradução. Uma preocupação importante nesta primeira fase foi procurar entender o contexto histórico em que se insere o texto fonte, sobretudo as questões pertinentes à sua produção e publicação. Para tanto, realizou-se pesquisa bibliográfica a respeito da emigração a partir dos territórios de língua alemã no século XIX, com enfoque especial às atividades do editor G. Fröbel, em conexão com o projeto de colonização de H. Blumenau. A análise textual empreendida neste primeiro momento privilegiou os aspectos extratextuais e macroestruturais relacionados à peculiaridade das circunstâncias históricas de produção e publicação do texto. Paralelamente, organizou-se um quadro comparativo das traduções já existentes e um esboço (primeira versão) de tradução da primeira das cinco cartas, o qual ainda se encontra aberto a alterações até a elaboração de uma versão final.

3.1. Corpus de pesquisa

A história das cartas que constituem o corpus desta pesquisa pode ser resumida pela seguinte tabela:

Texto	Data	Idioma	Integral ou parcial?	Observações
Cartas originais (manuscritos)	1855-1856	Alemão		Perdidas (?)
Reprodução das cartas em <i>Der Pilot</i>	1857	Alemão	Integral	Editadas para a publicação
Arquivo: transcrições de <i>Der Pilot</i> e tradução manuscrita	Possivelmente anterior a 1963	Alemão e Português	Integral	Tradutor(a) desconhecido
Tradução em <i>Blumenau em Cadernos</i>	1963	Português	Integral	Tradutor(a) não nomeado; provavelmente revisão da tradução do arquivo
Tradução de Bendocchi Alves em <i>Blumenau em Cadernos</i>	2000	Português	Parcial	Diferente das traduções anteriores

Tabela 1: História textual. Fonte própria.

4. CONTEXTO HISTÓRICO

No começo do século XIX a Alemanha ainda não era um estado nacional, mas uma nação cultural composta por uma variedade de reinos, ducados, principados e algumas cidades-estado localizados na Europa central e unidos sobretudo por uma língua comum. A pressão decorrente das guerras napoleônicas de coalizão ocasionou uma série de processos de mediatização e secularização que resultaram na efetiva dissolução do antigo Sacro Império Romano Germânico e numa drástica reorganização territorial, politicamente consolidada pela formação de uma Confederação Germânica em 1815. Entre 1800 e 1850, uma conjunção de diferentes fatores como o fim das guerras e epidemias, melhores condições públicas de higiene e a suspensão de restrições legais aos casamentos, propiciou uma grande explosão populacional, a qual não significou, contudo, uma melhoria das condições de vida. A sobrepopulação agrária, em conjunto com o fim da servidão representado pela emancipação dos camponeses em relação aos senhores de terra, e a liberdade econômica representada pelo fim das corporações de ofício, num momento em que a industrialização era ainda incipiente e incapaz de absorver a força de trabalho excedente, provocaram um tamanho aumento do desemprego, que levou grande parte das camadas mais baixas da pirâmide social à miséria, de forma que em muitos lugares “cerca da metade da população vivia às margens do mínimo de subsistência” (OSTERHAMMEL, 2012, p. 11). Nas discussões sociais e políticas, tal fenômeno foi conceitualmente designado pelo termo latino “pauperismo”, o qual

se faz presente quando numerosas classes populares conseguem, mediante o mais árduo dos trabalhos, ganhar no máximo o mais provisório dos sustentos (...) mas ainda assim continuam a suplementar e multiplicar-se numa copiosa rapidez. (Hardtwig, 1985, p. 70, tradução nossa)

Foi essa situação de precariedade material e falta de alternativas de sobrevivência a principal força motriz de movimentos de emigração para outros territórios que não aqueles de língua alemã. Se a organização agrária anterior limitava a mobilidade dos camponeses por conta do vínculo de servidão para com os senhores de terra, com o advento do pauperismo, a apreciação da emigração pelas elites agrárias alterou-se no sentido de uma esperança em aliviar as pressões que poderiam levar a alguma explosão revolucionária. Embora houvesse migração dentro do próprio território europeu, são mais expressivos os movimentos transatlânticos rumo ao “Novo Mundo”:

De fato, desde o começo dos anos trinta, cada vez mais pessoas buscavam uma saída ao seu estado de desolação abandonando sua terra natal e procurando uma nova

existência nos Estados Unidos, mas também no Brasil, no Canadá, na Argentina e na Austrália. A onda de emigração alcançou um primeiro ponto alto em 1847, quando a pressão do pauperismo tomou formas insuportáveis. Em 1845 emigraram 37 800 pessoas do território [correspondente a]o posterior Império Alemão, e até 1850 o número subiu continuamente até 83 220 ao ano. (...) Até o início dos anos 50 a emigração transcorreu de forma muito desorganizada. Sobre os territórios de destino havia em geral apenas informações esporádicas e embelezadas à disposição, os países carentes de população [tentavam] atrair os dispostos a emigrar com uma enxurrada de escritos bastante despreziosos e ajuda de agentes frequentemente inescrupulosos na própria [Alemanha]. (Hardtwig, 1985, p. 73-74, tradução nossa)

É particularmente neste contexto de agenciamento de emigrantes e publicações voltadas à sua informação e persuasão, dentre outros assuntos relacionados com a temática da emigração e das colônias na América, que se insere a figura de Günther Fröbel (1811-1878), na pequena cidade de Rudolstadt, localizada no condado e posterior principado de Schwarzburg-Rudolstadt (o qual, com a República de Weimar, foi integrado a outros pequenos territórios para formar o estado da Turíngia). De acordo com Bendocchi Alves (2006, p. 16), Fröbel herdara de seu pai em 1835 a gráfica e editora que já publicava desde 1769 o “Rudolstädter Wochenblatt”, jornal que contava com privilégios da monarquia local. Tratava-se de um território em que a pauperização que acometia as camadas sociais inferiores dos estados alemães se fazia notar de forma bastante aguda, e o estado de penúria por ela provocado entre a população levavam Fröbel e outros intelectuais seus contemporâneos (como Hermann Blumenau, Friedrich Gestäcker e Johann Jakob von Tschudi) a defender a emigração como possível solução para o problema, funcionando com válvula de escape que impedisse uma convulsão social.

Em 1846 é fundado por Fröbel a “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung” (“Jornal Geral da Emigração”), inicialmente com uma periodicidade semanal, mas chegando a três números por semana a partir de 1851. O jornal destinava-se a informar e orientar os compatriotas alemães desejosos de emigrar, por meio da divulgação de oportunidades de viagem e assentamento, preços de passagens, datas de embarque, relatos sobre os países de destino, cartas de imigrantes, dentre outros artigos. É interessante notar a longevidade e a importância alcançadas por este periódico, publicado no interior da Turíngia durante 26 anos, tornando-se um dos mais importantes sobre o assunto, ao lado da “Deutscher Auswanderer-Zeitung” (“Jornal do Emigrante Alemão”) de Bremen, a serviço do seu importante porto. Conteúdo de teor similar também foi veiculado por Fröbel na forma de folhetos gratuitos (“Fliegende Blätter für Auswanderer”) durante o ano de 1852, que foram bem menos longevos, já que circulavam sem autorização oficial.

Allgemeine Auswanderungs = Zeitung.

Organ
für

Kunde aus deutschen Ansiedlungen,
für Rath und That
zu Gunsten der fortziehenden Brüder,
sowie für
Oeffentlichkeit in Auswanderungs-
sachen überhaupt.

Erstes Semester.



Mit
statistischen Uebersichten, Karten
und Plänen,
sowie mit einem
Intelligenzblatte
für Bekanntmachungen von
Behörden u. Privatzen.

(Mich. 1846 bis Ostern 1847.)

Pränumerationspreis des halben Jahrgangs bei allen
Buchhandlungen und Fürstl. Thurn und Tarischen
Postämtern 1 1/2 Rth. = 2 fl. 6 Kr.

N. 1.
Dienstag, 29. September 1846.

Unter Mitwirkung der Herren
Dr. Büttner, G. W. von Noß, Dr. F. Schmidt
und anderer Autoritäten herausg. von S. Fröbel.

Plan und Einrichtung.

Den Auswanderungen oder Wanderungen kann ein Damm mannichfaltigen und vollständigen Notizen für solches Vorhaben nicht mehr entgegengesetzt werden. Hunderttausende sind schon an die Hand zu gehen. Die in dieser Beziehung schon vorhand-

Figura 1: cabeçalho da primeira edição da Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.

Fonte: Landesarchiv Thüringen https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jjournal_00000025

A partir de 1855, o jornal de Fröbel é suplementado por ainda outra publicação de conteúdo semelhante, mas redigida por “amigos literários, sob responsabilidade do editor”. Trata-se de um folhetim intitulado “Der Pilot” (“O piloto”), cujo subtítulo sofreu algumas alterações durante o período que foi publicado, até 1864. Inicialmente era qualificado como “Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeinen Auswanderungs-Zeitung”, “Semanário de Entretenimento do Jornal Geral da Imigração”. No cabeçalho, encontram-se ainda as modalidades de assinatura: jornal acompanhado do folhetim ou folhetim individualmente, com destaque para a informação de que “sem o folhetim, o jornal não será entregue”. Em agosto de 1859 o termo referente a “entretenimento” no subtítulo é substituído pelo adjetivo composto “politisch-belletristisches”, assumindo declaradamente seu teor político. Em 1861, cai o atributo “político” e daí em diante lê-se apenas “Belletristisches Wochenblatt” (“Semanário Beletrístico”).

1855. L. B.

1855. DER PILOT. № 1.

Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung.

Unter
Verantwortlichkeit des Verlegers
redigirt von
literarischen Freunden.

Bestellungen
nehmen
alle Posten und Buchhandlungen an,
in
Hamburg und Bremen
die Königl. Leuzn und Taxist'schen Postämter.



Abonnements-Bedingungen.

- 1) Zeitung nebst Wochenblatt (wöchentlich 3 Nummern) 1½ Rth. oder 2 Rth. 42 Kr. pro Semester.
- 2) Wochenblatt apart (wöchentlich eine Nummer) 2/3 Rth. oder 1 Rth. 12 Kr. pro Semester.
- 3) Ohne Wochenblatt wird die Zeitung nicht abgegeben.
- 4) Wochenblatts-Abonnenten haben auf Kunstbeilagen zur Zeitung keinen Anspruch.

Mittwoch, 3. Januar.

Der Pilot.

Hochwasser schwillt, die Anker sind gelichtet
Der schwanke Kiel verläßt den sichern Port,
Vertrauensvoll in roß'ge Fernen richtet
Den Flammenblick die muth'ge Schaar am Bord.
Doch eh' die hohe See das Schiff umhürmt,
Des Lootsen Senkblei seinen Lauf beschrimt.

Und Wochen-, Monden-lang mit Clementen
Im Kampfe furcht den ries'gen Wogenschwalm
Der Pilger Arche, bis an Nebel-Wänden
Der neuen Welt erscheint das Siegs-Signal.
Noch eh' das Schiff sich ihr entgegenstreckt,
Hat ein Pilot es spähend schon entdeckt.

KUNSTBEILAGEN
ZU
RUDOLPH'S ZEITUNG

Figura 2: Cabeçalho da primeira edição do “Der Pilot”. Fonte: Landesarchiv Thüringen https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpjournal_00000027

Mudanças na politização do folhetim, bem como o reconhecimento do teor político de seus artigos podem estar relacionadas à política contemporânea dos estados alemães em relação à emigração. Destaca-se aqui a promulgação do “Restrito von der Heydt”, na Prússia, em 1859, que proibia a propaganda e a atividade dos agentes ligados à emigração para o Brasil, exemplo que veio a ser seguido posteriormente por outros estados. Tal política vinha em resposta à denúncia por parte da imprensa alemã e suíça das condições em que viviam principalmente os migrantes destinados à substituição da mão-de-obra escrava por trabalhadores assalariados nas fazendas de café em São Paulo e no Rio de Janeiro, criticando o sistema de parceria adotado em muitas colônias durante o Segundo Reinado. Tal modalidade de emigração foi continuamente defendida por Günther Fröbel, mesmo após a revolta de imigrantes em Ibicaba¹, e da grande publicidade na imprensa em geral do ponto de vista de que as promessas relativas à emigração para o Brasil se tratavam de um grande engodo e de que os alemães estavam sendo convencidos a emigrar por agentes inescrupulosos e interesseiros, para serem explorados uma vez que alcançassem seu destino. Tal é a visão apresentada por Ruhe, um

¹ Revolta de imigrantes na fazenda Ibicaba (São Paulo), pertencente ao Senador Vergueiro, liderada pelo colono e professor suíço Thomas Davatz, cujo livro de 1858 foi na Europa importante para a formação de opinião contrária a emigração para o Brasil.

século depois, em suas contribuições a respeito da história da emigração ultramarina a partir do principado de Schwarzburg-Rudolstadt:

Enquanto os empresários da emigração se ocupavam do transporte dos emigrantes por conta própria ou de terceiros, a atividade dos agentes era principalmente a mediação para celebração de contratos entre empresários e emigrantes. A eles se atribuía ainda a ulterior tarefa de dar informações e aconselhar os emigrantes. Eram geralmente pessoas inescrupulosas, especuladores e impostores que aproveitavam a situação do momento para enganar com falsas promessas ou, então, para extorquir os últimos bens daqueles que deixavam a pátria cheios de esperança. (RUHE, 1958, p. 214 apud DIRKSEN, 2022, p. 23)

Efetivamente, os jornais de Fröbel receberam duras críticas e suas atividades eram vistas com desconfiança, especialmente pelo fato de ele ser, desde 1845, além de editor, também proprietário de uma agência de emigração em Rudolstadt, que organizava viagens principalmente para a América do Norte e do Sul, mas também para a Austrália; sua agência esteve envolvida, entre os anos de 1846 e 1874, na expedição de 1264² emigrantes para diferentes países de destino. Embora Fröbel procurasse deixar claro que o intuito de seus jornais não era incentivar, mas apenas informar e orientar aqueles que já haviam tomado a decisão de emigrar, muitos diziam que estavam à serviço de sua agência e que sua defesa veemente da emigração alemã para o Brasil visava seus próprios interesses particulares. Para seus críticos, as cartas de imigrantes eram frequentemente manipuladas ou censuradas por ele, de forma que só se publicava aquilo que veiculasse uma imagem positiva do Brasil. Acerca da desconfiança quanto às atividades de Fröbel, bem como da qualidade de seus jornais, Débora Bendocchi Alves escreve:

Tive a oportunidade de consultar praticamente todos os exemplares do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* e eles me deram a impressão de estar diante de um jornal especializado de muito bom nível para a época, com informações diversificadas e precisas, com artigos críticos e bem escritos. De qualquer forma, tal desconfiança não desmerece o trabalho do redator e o sucesso alcançado por este jornal e os longos anos de publicação são, para mim, provas disto. O fato de Fröbel ter tido sempre bons colaboradores também veio contribuir muito para o nível deste periódico. (BENDOCCHI ALVES, op. cit., p. 17)

No Brasil, os principais colaboradores de Fröbel eram o viajante e romancista Friedrich Gestäcker, o médico e naturalista Fritz Müller e o farmacêutico e colonizador Hermann Blumenau, com quem manteve uma intensa comunicação durante 20 anos. Blumenau viera

² cf. Ruhe (1958, p. 251, apud BENDOCCHI ALVES, 2006, p. 16).

pela primeira vez ao Brasil em 1846 como procurador da “Sociedade de Proteção aos Imigrantes no Sul do Brasil” e, em meio a suas viagens entre a corte no Rio de Janeiro e as colônias no Rio Grande do Sul, tendo recebido informações dos colonos referentes às terras situadas no vale do rio Itajaí, na Província de Santa Catarina, resolveu conhecê-las. Em janeiro de 1848, acompanhado do comerciante Ferdinand Hackradt, Blumenau subiu pela primeira vez o rio, às margens do qual já havia pequenas fazendas e propriedades estabelecidas por imigrantes provenientes da colônia de São Pedro de Alcântara. Deslumbrados pela natureza, pelas florestas ricas em caça e madeira de lei, assim como pelas terras férteis e facilmente cultiváveis, decidiram estabelecer uma colônia no local de seu primeiro acampamento, às margens da foz do Ribeirão da Velha, ponto até o qual o rio Itajaí é facilmente navegável. A partir daí, começa um período de forte atuação por parte de Blumenau, tanto junto às autoridades brasileiras, no sentido de obter apoio ao seu empreendimento de colonização, quanto na Alemanha, no de angariar potenciais emigrantes para seu futuro empreendimento colonial. Ambas as tarefas não se revelaram nada fáceis, na medida em que Blumenau encontrava resistência aos seus projetos de colonização e pedidos de financiamento apresentados aos governos provincial e imperial, como também em função do cenário extremamente competitivo que havia se estabelecido com o “surto” emigratório que assolava a Alemanha desde meados da década de 1840:

Enquanto ascendia o número dos indivíduos desejosos de emigrar, em consequência dos distúrbios, renovava-se e recrudescia a luta entre armadores e agentes de navios estrangeiros e nacionais em torno da presa, que lhes proporcionava enormes lucros. A “exportação” de gente alemã constituía um excelente negócio. Um procurava ganhar a dianteira do outro e todos os recursos eram considerados lícitos. O exemplo dado pelo americano Finlay, o mais bem sucedido agente de navegação, demonstra o surto que tomou então essa modalidade de transporte. Fundou ele sua empresa em 1845, com 66 subagências. Segundo revelam fontes americanas, sua organização chegou a transportar, ao todo, 2 milhões de emigrantes, dos quais a maioria deve ter sido alemães. Tal era o ambiente, em que Dr. Blumenau pretendia manter-se. Compreendemos, pois, as razões de seu insucesso como idealista e adversário de tudo quanto se assemelha ao tráfico de homens e à escravidão. (FOUQUET, 1999, p. 43-45)

Tendo seu sócio Hackradt permanecido em Santa Catarina, com o propósito de desbravar a mata, comprar mais terras, cuidar de plantações e pastagens, construir uma serraria e tomar todas as demais medidas necessárias ao acolhimento dos primeiros colonos, Blumenau parte rumo à Alemanha em 1850, onde, após intenso trabalho de propaganda ativa pela imprensa,

consegue reunir um pequeno grupo de menos de vinte pessoas dispostas a emigrar para o Brasil e se estabelecer em sua futura colônia. Em 19 de março de 1850, véspera do embarque em Hamburg, com destino ao Rio de Janeiro, Blumenau escreve a introdução de um livro a ser publicado na tipografia de Günther Fröbel: “Südbrasilien in seinen Beziehungen zu Deutscher Auswanderung und Kolonisation: Abgerissene Nachrichten, Bemerkungen und Winke, besonders für Auswanderer” (“O Brasil do Sul e suas relações com a emigração e colonização alemã: breves notícias, observações e avisos, especialmente para emigrantes”). Na introdução, Blumenau explica que pretendia originalmente publicar na “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung” o resultado de sua estadia por quase dois anos no Brasil, dedicada “quase integralmente ao estudo da matéria da colonização”, mas que acabara decidindo por uma publicação independente, devido a extensão tomada pelo trabalho. Afirma ainda, ter decidido pela publicação mesmo apesar de sua forma crua, devida à falta de tempo e preocupações com o retorno ao Brasil, prometendo complementar sua exposição assim que retornasse ao país:

a completa falta de um relato detalhado sobre o sul do Brasil em língua alemã e o desejo de corrigir algumas visões equivocadas e refutar calúnias maldosas tanto quanto possível me permitiram superar a timidez de publicar minhas visões e observações mesmo nessa forma inacabada; se me for permitido, darei sequência a partir do Brasil a uma exposição melhor organizada de suas circunstâncias e completarei aquilo que eu porventura tenha deixado passar no que vem a seguir, ou que não posso mais acrescentar, nomeadamente, instruções para a provisão, a viagem e a efetiva instalação, custos e cálculo de lucros destes últimos, e coisas do gênero, que são importantes na prática para os emigrantes. (BLUMENAU, 1950, prefácio)

Tais informações viriam, naturalmente, através da tipografia de Fröbel, quer através de artigos regulares em seus jornais, quer na forma de novos livros dando notícias da colônia e relatando os avanços nela logrados, bem como as dificuldades enfrentadas. Fröbel tonar-se-ia então importante parceiro de Blumenau na Alemanha, não apenas divulgando sua colônia através das publicações em seus periódicos, mas também agenciando e auxiliando os emigrantes. Bendocchi Alves, em seu artigo de 2003, apresenta a relação entre ambos nos seguintes termos:

o redator e agente Fröbel contribuía para a melhora da situação de penúria na sua região, orientando e incentivando os mais pobres a emigrar, enquanto o empreendedor Hermann Blumenau tentava ajudar os colonos nos seus primeiros anos na nova pátria. Podemos dizer que os dois eram empreendedores, mas será que podemos afirmar que especularam com os emigrantes como, por exemplo, as companhias de navegação e seus corretores que viviam do transporte de “mercadoria-humana”? Ou foram ambos movidos por um ideal maior? (BENDOCCHI ALVES, 2003, p. 160)

A mesma autora afirma, em seu livro de 2006, acreditar que a defesa obstinada da emigração para o Brasil por parte de Fröbel se devesse mais às suas convicções ideológicas liberais que a interesses econômicos particulares, visto que durante a Revolução Liberal de 1848/49 passara a publicar a “Deutsche Bürgerzeitung” (“Jornal Alemão do Cidadão”) e logo mais as “Konstitutionelle Blätter” (“Folhas Constitucionais”). Suas posições ideológicas quanto à emigração, assim como as de Blumenau, seriam provavelmente influenciadas por intelectuais da época como Friedrich List e W. Roscher, que “dentro de uma perspectiva cada vez mais nacional, defendiam a necessidade da Alemanha possuir ‘territórios ultramarinos’ ou colônias econômicas e culturais que permanecessem ligadas a ‘metrópole’ pela língua e pelos usos e costumes” (BENDOCCHI ALVES, 2006, p. 19). Ainda a respeito dos jornais e das atividades de Fröbel, conclui:

É certo que os seus jornais continham anúncios da sua agência de emigração. No entanto, uma leitura cuidadosa nos mostra que os periódicos prestaram grande ajuda aos emigrantes fornecendo informações atualizadas que possibilitavam a um camponês, de uma localidade qualquer, organizar toda a sua viagem, da sua aldeia até o porto mais próximo e de lá, com um contrato em mãos, até o destino final. É difícil acreditar que o intuito principal de Fröbel fosse induzir os emigrantes a comprarem passagens na sua agência. Sua preocupação com a sorte dos emigrantes era real e ele tinha o costume de acompanhar um grupo numeroso deles, uma vez por mês, até o porto e mesmo até o navio. Nestes casos, a viagem do grupo iniciava-se em Weimar que, desde 1846, estava ligada à rede ferroviária. Fröbel partilhava provavelmente da idéia defendida por muitos, de que a organização da emigração deveria ajudar a diminuir as tensões sociais internas e assim contribuir para garantir a sociedade burguesa. (BENDOCCHI ALVES, 2006, p. 20)

[4] In allen Buchhandlungen ist zu haben

Süd = Brasilien

in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation.
Abgerissene Nachrichten und Bemerkungen besonders für Auswanderer

v o n
Dr. Hermann Blumenau,
ehemals praktischem Chemiker, jetzt Kolonisten am Rio Itajaí in der brasilianischen Provinz Sta. Catharina.
Nebst einem Anhang.
Preis $\frac{1}{2}$ Rth.

Ferner: Desselben Verfassers

Leitende Anweisungen für Auswanderer

nach der Provinz

Sta. Catharina in Süd - Brasilien.

Preis 5 Gr.

Die deutsche Kolonie

BLUMENAU

in der südbrazilianischen Provinz

Sta. Catharina,

am jaitibacen, großen Itajaí-Flusse in 8 Meilen Entfernung von der See, über 155,000 preuß. Morgen groß.
Eine genaue Beschreibung für Auswanderungslustige.
Preis $2\frac{1}{2}$ Gr.

Da der Unternehmer selbst und seine nächsten Nachbarn, sowie die Auswanderer, welche sich zum Theil schon eingefunden und für die nächste Zeit angemeldet haben, sämtlich Deutsche und Protestanten, und für Kirchen und Schulen in der Kolonie beträchtliche Ländereien ausgesetzt sind, welche deren Errichtung und Unterhaltung sicher stellen, so finden protestantische Einwanderer ihre Interessen in Bezug auf religiösen und Schulunterricht auf das Beste gewahrt. Ein Auszug aus dem Koloniestatute, welches dem Kolonistenverband freie Selbstverwaltung ihrer inneren Angelegenheiten garantirt, ist dem Programm beigelegt. Nähere Auskunft wegen Ueberfahrts-Gebühren ertheilen die H. Chr. Matth. Schröder & Co. in Hamburg, und G. Froebel in Rudolstadt.

Figura 3: (4) A ser adquirido em todas as livrarias - O BRASIL DO SUL e suas relações com a emigração e colonização alemã. Breves notícias e observações para emigrantes, de Dr. HERMANN BLUMENAU, ex-químico praticante, atualmente colono no Rio Itajaí, na Província Brasileira de Santa Catarina, incluindo um Anexo. Preço: $\frac{1}{2}$ RT (Reichsthaler).

Do mesmo Autor: Guia de Recomendações para Emigrantes rumo à Província de Santa Catarina no Sul do Brasil. Preço: 5 Groschen. A Colônia Alemã de BLUMENAU na Província Sulbrasileira de Santa Catarina, situada às margens do grande e navegável Rio Itajaí, a 8 milhas de distância do Oceano, com mais de 155 mil jeiras prussianas. Uma descrição detalhada para interessados em emigrar. Preço: $2\frac{1}{2}$ Groschen. Acervo / Sammlung B. K. Kadletz.

Fonte: Schmidt-Gerlach (org.) 2019, p. 23.

5. ANÁLISE TEXTUAL

Toda e qualquer tradução é idealmente precedida por um trabalho mais ou menos detido de análise e reflexão acerca do texto fonte que se tem em mãos, que compreende um levantamento das suas características gerais, bem como peculiaridades macro e microestruturais, com o objetivo último de se definirem estratégias a serem adotadas no processo de tradução propriamente dito. Na prática, este trabalho nem sempre acontece num momento único, nem se completa de uma só vez; a reflexão, em especial, refaz-se continuamente, podendo o trabalho ser caracterizado por um movimento de sucessivas aproximações e reaproximações ao texto, na medida em que se trava contato com maiores informações a quanto ao contexto em que foi produzido e/ou publicado e com que se começa a esboçar uma tradução e elencar possíveis soluções para os problemas e desafios específicos por ele suscitados. O contato com traduções preexistentes pode enriquecer este processo, visto que nos faz estender a reflexão às soluções adotadas por outros tradutores, estabelecendo-se um movimento analítico de trânsito entre o texto fonte e possíveis textos de chegada, de forma que a definição das estratégias de tradução nos níveis da macro e da microestrutura é perpassado também por um trabalho de crítica de tradução, ainda que implícito.

A respeito da análise do texto fonte, tanto Nord (2006, p. 73) quanto Reiß (2004, p. 162) destacam a fundamental importância de estabelecer-se a função (ou as funções) comunicativas do texto fonte, uma vez que podem ser consideradas o critério determinante para a textualidade, estando as características semânticas e sintáticas a ela subordinadas. Para este processo de esclarecimento das funções do texto fonte, Reiß (2004, p. 163-166) propõe uma metodologia composta por três estágios que compreendem, sucessivamente, o estabelecimento do tipo textual (informativo, expressivo ou operativo), da variedade textual (classificação de acordo com padrões socioculturais especificamente estruturados) e a análise do estilo, que compreende a construção sintática, semântica e pragmática do texto, ou seja, quais meios linguísticos são utilizados para realizar funções comunicativas específicas. Vale lembrar que este procedimento de análise nem sempre precisa ser explicitado em detalhes, nem acontece necessariamente de forma temporalmente linear: “this three-stage process will be presented as a temporal sequence for purely methodological reasons. In practice, the separate stages of analysis dovetail, particularly if the translator is experienced” (Reiß, 2004, p. 163).

Nord (2006, p. 73-75) depreende a função comunicativa do texto a partir dos fatores da situação comunicativa em que é utilizado, propondo uma fórmula para estabelecimento do jogo entre

fatores intra e extratextuais. O conjunto dos fatores extratextuais determina a função alcançada pelo texto, a qual, quando estabelecida antes da sua leitura gera uma expectativa quanto às características intratextuais -- a comparação entre esta expectativa e as características tangíveis identificadas durante a leitura produzirá o efeito particular do texto. Idealmente, a determinação da função comunicativa passa pela resposta às questões resumidas no seguinte quadro, adaptado de Nord (2006, 74):

Quem transmite?	Sobre qual assunto (o texto) diz?
Para quê?	O quê?
Para quem?	(o que não?)
Por qual meio?	Em qual ordem
Em qual lugar?	Usando quais elementos não verbais
Quando?	Com quais palavras?
Por quê?	Em quais orações?
Com qual função?	Com qual tom?
	Com qual efeito?
Com qual efeito?	

Quadro 1: „Fórmula Q“, proposta por Nord (2006) para a análise textual.

Antes de uma tentativa mais pormenorizada de responder às questões que servem de base à análise do texto fonte, convém ressaltar aquela que é talvez sua principal peculiaridade: o hiato que há entre as circunstâncias de produção e de sua publicação. Delineiam-se assim duas possíveis camadas do texto, em relação às quais alguns fatores parecem mais ou menos claros, enquanto outros constituem perguntas em aberto.

A mensagem que nos chega transmitida pelo jornal é a de que os irmãos Johann Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise, na Colônia Blumenau, escrevem ao longo dos anos de 1855 e 1856 cinco cartas endereçadas a Cristoph Weise, um cunhado em Bechstedt bei Königssee, na Turíngia. A intenção primária parece ser dar notícias de sua chegada¹ e instalação no Brasil, informar quais as circunstâncias locais com que se deparam, e narrar sua experiência nos

¹ Heinrich é o autor da primeira carta, em que narra acontecimentos relativos à sua viagem e chegada ao Brasil. Das próprias cartas, depreendemos que seu irmão Ernst viera antes dele, já se encontrando instalado na colônia em 1855. Na “*Lista dos Colonos entrados em a colônia Blumenau. 1850 até 1854*”, organizada por Blumenau e depositada no Museu Imperial, consta o nome de “Ernesto Weise” sob a entrada referente a julho 1853, acompanhado das informações: “sexo: masculino; religião: evangélico; estado: solteiro; anos exatos: 25; profissão: lavrador; pátria: Thuringia”.

primeiros tempos de vida na colônia. A partir da terceira carta, depreende-se a existência de mais destinatários na Alemanha, incluindo outros familiares (há menção há irmãos, irmãs, pai e mãe), além de um círculo de amigos, com os quais, provavelmente por intermédio do cunhado, é estabelecido um diálogo. Os textos observam as convenções do gênero (carta pessoal) e são sobretudo informativos, ainda que pontualmente possam apresentar traços mais expressivos ou operativos, especialmente no que concerne à manifestação do desejo de que seus pares também viessem ao Brasil, retoricamente construída através da menção às condições de vida favoráveis para as pessoas mais pobres, à falta de mão de obra que os ajudasse nos trabalhos, ou mesmo num apelo mais direto: “Se eu pudesse ter minha mãe e vários de meus amigos aqui comigo, pagaria pela travessia de bom grado”, escreve Ernst em sua carta de 24 de maio de 1856.

Os fatores relacionados à produção do texto até aqui levantados parecem bastante claros, assim como outros elementos factuais relacionados à sua publicação: as cartas aparecem em quatro número consecutivos do folhetim “Der Pilot”, semanário suplementar à “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung”, datados de agosto de 1857. Entre a escrita da primeira carta e a publicação da última há, portanto, um intervalo de quase dois anos. Desta brecha epaçonotemporal entre as mãos dos irmãos Weise no Brasil e a impressão de suas palavras na tipografia de Fröbel brota uma série de perguntas quanto ao conteúdo das cartas e sua autenticidade, às quais não há resposta certa.

Ainda que o editor oriente seus leitores de meados do século XIX, por meio de uma nota de rodapé, a se dirigirem ao endereço “supracitado” caso queiram “reconhecer os originais destas cartas apenas estilisticamente um pouco alteradas aqui e ali”, não há hoje meios de ter acesso a eles, tampouco à contraparte da correspondência, a saber, às cartas escritas por Christoph Weise (e/ou por outros amigos e familiares) aos irmãos no Brasil. Igualmente, não podemos conhecer as circunstâncias específicas em torno da entrega das cartas para publicação, nem saber se os autores contavam com essa possibilidade ao escrevê-las. Assim, dependemos integralmente da versão publicada por Fröbel, desconhecendo tanto a natureza quanto a extensão das “alterações estilísticas” promovidas pelo editor “aqui e ali”. Teria ele censurado a correspondência original? Ou pior, teria chegado ao ponto de adulterá-las, inserindo coisas que ali não estavam?

A dinâmica entre a informatividade e a operatividade do texto e as diferentes funções por ele alcançadas toca na questão fulcral da autoria, situada entre os irmãos Weise e Günther Fröbel.

Mesmo que a autenticidade e a integridade das cartas permaneçam sempre discutíveis, tanto mais quando se tem em vista o todo das atividades de Fröbel relacionadas à emigração, é possível imaginar que a esse respeito houvesse, ainda que por motivos diversos (ideológicos ou pessoais), um alinhamento entre as partes. De mais a mais, o teor daquilo que se encontra relatado nas cartas, bem como a progressão e alternância do conteúdo, são índices a favor da autenticidade. Na primeira carta, há uma manifestação contundentemente negativa sobre a viagem: “com comida ruim e tratados com muita grosseria, mal conseguimos chegar vivos ao Brasil”, escreve Heinrich, alertando a todos para não viajarem com o mesmo navio ou capitão. Fröbel poderia ter omitido a passagem, mas prefere mantê-la e esclarecê-la por meio de nota de rodapé, atitude consonante com uma intenção minimamente séria de informar, em oposição a um possível interesse em persuadir seus leitores a emigrar. Da mesma forma, há nas cartas um balanço entre os aspectos positivos e negativos relatados quanto à nova vida no Brasil, que também suscitam credibilidade: sobretudo nas primeiras é dada ênfase à fartura de alimentos e caça, às numerosas e abundantes colheitas, bem como à facilidade de criação de animais, predominando um tom otimista quanto à expansão dos empreendimentos. Contudo, vão sendo também sucessivamente relatadas as adversidades, desde o primeiro contato conflituoso com os indígenas, passando por um episódio de cheias do rio Itajaí e chegando a notícias de uma inflação que até a última carta, só faz aumentar. Em linhas gerais, o tom de carta pessoal, em que predomina a narração das experiências vividas, fatos ocorridos e impressões em relação ao novo país, desperta a confiança de possíveis leitores e pesquisadores quanto à sua autenticidade e veracidade.

6. TRADUÇÕES

Se entre o texto original (cartas pessoais) e o texto publicado (cartas de emigrantes) já se opera uma inevitável alteração nos fatores extratextuais que caracterizam a função textual, bem como na dinâmica estabelecida entre a expectativa do leitor e os fatores intratextuais tangíveis que resulta no efeito do texto, o processo de sua tradução também provoca numa terceira camada de alterações. Os receptores do texto traduzido, ainda que informados pela contextualização histórica e por elementos paratextuais (títulos, cabeçalhos, notas de rodapé) nele inclusos, serão sempre radicalmente outros e, com suas diferentes expectativas, estabelecerão com ele novas relações e reconstruirão o seu sentido cada qual à sua maneira. O mesmo se aplica ao tradutor, que em seu processo de leitura-análise-reverbalização busca, por meio de suas decisões individuais, à sua maneira e tanto quanto for possível, garantir uma equivalência funcional entre o texto fonte e seu texto de chegada. Ainda que diferentes tradutores partilhem pressupostos e intenções semelhantes, é natural e infalível que os textos que produzem divirjam no nível das escolhas lexicais e da organização sintagmática, com possíveis consequências semânticas e pragmáticas. Tais divergências podem ser melhor observadas quando o texto fonte e suas diferentes traduções são colocados lado a lado, como no caso do quadro comparativo elaborado.

Tomando a primeira das cartas como amostra representativa do todo, analisou-se as traduções preexistentes em comparação com o texto fonte, com vista a definir estratégias para a nova tradução. Estas foram identificadas como identificadas como “A” (Arquivo) e “B” (Blumenau em Cadernos, 1963). A versão “C” (Bendocchi Alves in *Blumenau em Cadernos*, 2000) não se trata de uma tradução integral, mas consiste apenas em excertos traduzidos com o intuito de ilustrar determinados aspectos históricos. De um modo geral, as traduções A e B, ainda que historicamente acuradas, parecem bastante prolixas e adaptadas, recorrendo frequentemente a acréscimos de palavras¹ (complementando o sentido, com o possível intuito de melhor explicitar o contexto), mas também cometendo omissões de algumas ou mesmo alterando (exagerando) o sentido de outras². Há alguma semelhança entre elas, o que suscita a hipótese de que a tradução B seja uma revisão da tradução A para publicação, embora não seja possível afirmá-lo de fato. De todo modo, a tradução B parece exagerar ainda mais as assim percebidas

¹ A título de exemplo: na terceira frase, o termo “Menschen” (pessoas) é especificado na forma de “passageiros”. Na mesma frase: “a polícia do pôrto precisou intervir *no conflito* (A) / *na manifestação de descontentamento* (B), enquanto no original se lê apenas “precisou intervir”, sem complemento.

² Na primeira frase, por exemplo, o adjetivo “schlecht” (ruim) é traduzido como “péssima”.

faltas da provável precursora, resultando em uma menor qualidade. Os excertos traduzidos por Bendocchi Alves (versão C) são de melhor qualidade, por sua maior clareza e isenção. Pontualmente, contudo, há questões decorrentes de possível falta de conhecimento sobre o contexto local³ (o que não é um problema no caso dos tradutores anônimos das versões A e B). Ressalta-se ainda, que em nenhuma das traduções prévias aparecem as duas notas de rodapé inseridas por Fröbel, perdendo-se nelas um importante elemento: a indicação da “alteração estilística” por parte do editor. Quanto à tradução A cabe ainda mencionar um último detalhe: há passagens em que o/a tradutor/a risca palavras e corrige suas escolhas anteriores – o acesso ao formato manuscrito permite que se acesse elementos de seu raciocínio e processo de tradução, um achado interessante no âmbito de um trabalho como este.

Afirma-se aqui a intenção de realizar uma tradução que transmita ao leitor contemporâneo o relato factual dos acontecimentos vivenciados pelos autores do texto fonte, bem como suas impressões e opiniões em relação a eles, contribuindo assim para a historiografia dos primórdios da colônia Blumenau e, de forma mais geral, do processo de migração entre a Alemanha e o Brasil no século XIX. Pretende-se, portanto, empreender uma tradução documental, cuja função é “documentar um determinado ato comunicativo que ocorreu na cultura de saída, sob determinadas condições situacionais, e aproximar determinados aspectos dessa comunicação pretérita ao destinatário alvo” (NORD, 1989, p. 100, tradução nossa). Frente às traduções prévias analisadas, caracterizadas por um maior grau de liberdade e adaptação, procura-se aqui produzir um texto de chegada com maior vinculação (em forma e grau) ao texto fonte, mantendo seus elementos em situação tanto quanto possível e operando apenas as adaptações necessárias à fluidez e à compreensão do novo texto em português. Quando necessário, recorreu-se ao auxílio de notas de rodapé com o fim de explicar e melhor explicitar o contexto.

7. CONCLUSÃO

³ O caso mais claro é o da tradução de “Reh” (veado) como “onça”; é improvável que “Hühner” se refira a “galinhas” (aves domésticas), já que o verbo “schießen” (atirar) parece implicar que se trata da caça de aves silvestres (como a perdiz brasileira, o macuco, dentre outros). “Fahrzeug” (literalmente: veículo) é uma ocorrência interessante: num contexto moderno o termo geralmente é traduzido como “carro”, mas aqui tem de se referir a algum tipo de embarcação, dado que o acesso à colônia àquela altura ainda era por via fluvial, não havendo estrada que a ligasse ao povoamento situado na foz do rio Itajaí.

Para além dos achados históricos e relativos ao processo de mediação editorial, do trabalho de crítica de tradução empreendido para que se definisse e justificasse uma retradução com uma estratégia distinta, bem como o enfrentamento de questões mais imediatamente ligadas à tradução (como a escolha do léxico e a formulação de construções sintáticas no geral menos estrangeirizantes), o resultado mais palpável deste trabalho foi a produção do texto traduzido em si, incluindo as notas elucidativas e os paratextos que se encontram, por enquanto, apenas neste relatório.

Ressalta-se que alguns aspectos extra e intratextuais parecem ainda um tanto opacos, já que não se tem acesso ao que aconteceu na Alemanha a respeito do conteúdo próprio das cartas de do grau de interferência no processo de mediação editorial. A partir daí, abrem-se novas possibilidades de estudo e trabalho: principalmente no que concerne ao conteúdo narrativo e factual útil à pesquisa histórica, tanto sobre o movimento de emigração a partir dos territórios alemães no começo do século XIX, quanto acerca da historiografia da imigração alemã no Brasil, em especial dos primórdios da Colônia Blumenau.

Cabe ainda elencar outra perspectiva para estudos futuros: a saber, aquilo que estes textos têm de carácter expressivo e que pode ser também considerado pelo viés dos estudos literários. Nessa linha, encontra-se um ensejo para um trabalho junto a arquivos (como o do Instituto Martius-Staden e do próprio Arquivo Histórico de Blumenau), no sentido de mapear outros documentos, ou mesmo textos mais prototipicamente literários, que perfaçam um corpus de literatura brasileira de expressão alemã (ou seja, de literatura em língua alemã escrita no Brasil por imigrantes e seus descendentes. A partir desse trabalho seria possível mapear novos textos para novos trabalhos de tradução.

8. REFERÊNCIAS

BENDOCCHI ALVES, Débora. Notícias de Blumenau: cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XLI, n. 11/12, nov./dez., p. 66-73, 2000. Disponível em:

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/2000/BLU2000011.012.pdf>.

Acesso em: 7 abr. 2025.

BENDOCCHI ALVES, Débora. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro Turíngia (1852-1853). **Revista Brasileira de História**, [S.L.], v. 23, n. 45, p. 155-184, jul. 2003. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01882003000100007>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BENDOCCHI ALVES, Débora. **Colhedores de Café**: cartas de imigrantes alemães publicadas nos jornais da turíngia. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2006. Disponível em: https://kups.ub.uni-koeln.de/7586/1/Livro_D%C3%A9bora._uni_kolen_doc.pdf.

Acesso em: 7 abr. 2025.

BLUMENAU, Hermann. **Südbrasilien in seinen Beziehungen zu Deutscher Auswanderung und Kolonisation**: abgerissene Nachrichten, Bemerkungen und Winke, besondes für Auswanderer. Rudolstadt: Froebel, 1850. 101 p. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2702>. Acesso em: 7 abr. 2025

DIRKSEN, Valberto. **Viver em São Martinho**: a colonização alemã no Vale do Capivari. 3ª Ed. rev. e atual. Florianópolis: Ed. do Autor, 2022. 304p. Disponível em: https://issuu.com/valbertodirksen/docs/viver_em_sao_martinho/. Acesso em: 7 abr. 2025.

FOUQUET, Karl. Vida e Obra do Dr. Blumenau: ensaio biográfico. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, t. XL, n. 10, p. 7-102, out. 1999. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1999/BLU1999010.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2025.

HARDTWIG, Wolfgang. **Vormärz**: der monarchische Staat und das Bürgertum. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1985. 254 p. Disponível em: <https://archive.org/details/vormarzdermonarc0000hard/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

NORD, Christiane. Loyalität statt Treue. Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie. **Lebende Sprachen**, [S. L.], v. 34, n. 3, p. 100-105, 1989. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/les.1989.34.3.100>.

OSTERHAMMEL, Jürgen. 1800 bis 1850. **Informationen Zur Politischen Bildung**, Bonn, v. 1, n. 315, p. 4-14, 8 ago. 2012. Disponível em: <https://www.bpb.de/shop/zeitschriften/izpb/das-19-jahrhundert-315/142105/1800-bis-1850/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

RUHE, Rudolf. Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert. **Rudolstädter Heimathefte**, Hefte 2/9, August/Sept. 1958.

SANTOS, Gilberto F. dos et al. A influência do clima nos imigrantes europeus do Vale do Itajaí – SC (Século XIX). **Revista Ars Historica: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 135-155, agosto de 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/60715>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. v. 1. 400 p. Disponível em: https://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2689/blumenau_tomo1_completo_web_compactado.pdf. Acesso em: 8 abr. 2025.

Tschudi, J. J. **Reisen durch Südamerika** (v.3) Leipzig, Brockhaus, 1866. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6788>. Acesso em 13 out. 2025.

WEISE, Johann Georg Heinrich; WEISE, Friedrich Ernst. Briefe aus Brasilien. **Der Pilot: Unterhaltendes Wochenblatt zur allgemeinen Auswanderungs-Zeitung**. Rudolstadt, n. 30, 28 de julho de 1857. Disponível em: https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049545. Acesso em: 11 jun. 2024.

WEISE, Johann Georg Heinrich; WEISE, Friedrich Ernst. Briefe aus Brasilien. **Der Pilot: Unterhaltendes Wochenblatt zur allgemeinen Auswanderungs-Zeitung**. Rudolstadt, n.

31, 4 de agosto de 1857. Disponível em:

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049548. Acesso em: 11 jun. 2024.

WEISE, Johann Georg Heinrich; WEISE, Friedrich Ernst. Briefe aus Brasilien. **Der Pilot: Unterhaltendes Wochenblatt zur allgemeinen Auswanderungs-Zeitung**. Rudolstadt, n. 32, 11 de agosto de 1857. Disponível em:

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049549. Acesso em: 11 jun. 2024.

WEISE, Johann Georg Heinrich; WEISE, Friedrich Ernst. Briefe aus Brasilien. **Der Pilot: Unterhaltendes Wochenblatt zur allgemeinen Auswanderungs-Zeitung**. Rudolstadt, n. 33, 18 de agosto de 1857. Disponível em:

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049550. Acesso em: 11 jun. 2024.

WITTMANN, Luisa Tombini. O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. 267p.

9. ANEXOS

ANEXO A: TRANSCRIÇÃO

Nr. 30, 28. Juli 1857

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049545**Briefe aus Brasilien**

Gebrüder

Joh. Georg Heinrich u. Friedrich Ernst Weise aus Wittmannsgereuth bei Saalfeld,
an Christoph Weise in Bechstedt bei Königssee. *)**I.**

Kolonie Blumenau, 10. Sept. 1855. Nach einer langen und schlechten Reise in Brasilien angekommen, will ich einiges über dieselbe mittheilen. Gleich bei der Einschiffung am 21. Mai auf dem Oldenburger „Comet“, Cpt. Wilken, gab es Crawall. Im Zwischendeck waren so viele Kisten und so wenig Raum für die Menschen, daß die Hafenzollpolizei einschreiten mußte. Dieselbe schlug wegen Beschwerde über schlechte Kost einen Küchenezettel an, welcher aber am andern Tage, als das Schiff abgegangen war, vom zweiten Steuermanne wieder abgerissen wurde. Mit schlechter Kost und vieler Grobheit behandelt, brachten wir kaum das liebe Leben nach Brasilien, und ich will deßhalb Jedermann warnen, mit dem Schiffe „Comet“, Cpt. Wilken, zu fahren, welches ein großer Schnellsegler sein sollte, auf unserer und seiner vorigen Reise aber – 14 Wochen nach Nordamerika – sich als Gegentheile erwies.***) Endlich am 2. August kamen wir in der Stadt San Francisco an und zwei Tage später in Dona Francisca. Nach 14 Tagen nahm ein Fahrzeug von Itajahy unsere Kisten auf und wir machten die Reise nach der Kolonie Blumenau zu Fuße. Unterwegs mußten wir mehrentheils bei Brasilianern bleiben, welche wir nicht verstehen konnten, uns aber gut aufnahmen. Am 23. August waren wir zur Stelle. Staunend sah ich die Pflanzung meines Bruders. Während einige meiner Reisegefährten bei ihren Verwandten auf der Kolonie Dona Francisca nicht fanden, was sie erwartet hatten, und folgenden Tages meinten, mein Bruder werde mich wol ebenfalls getäuscht haben, traf ich schon unterwegs Leute, welche meinen Bruder kannten und durch Andeutung seiner Verhältnisse mir das Herz erleichterten. Von 150 Morgen Land sind zwei große Stücke mit Mandioca, einige mit Mais und Kartoffeln, einige mit Reis und Bohnen bestellt. Andere Flecken werden noch jetzt bepflanzt. Vieles ist schon eingeerntet, Kartoffeln verkaufen wir noch alle Tage. Sein Viehstand besteht nur erst in 3 Schweinen, Hühnern und Enten. Wir müssen erst noch mehr Wald abhauen und mehr Weide schaffen. An Fleisch aber ist kein Mangel; Wild gibt es im Ueberfluß; erst kurz vor meiner Ankunft hatte mein Bruder ein Reh geschossen und ein zweites in einer Wildfalle gefangen, auch schießt er täglich mehrere Hühner.

Johann Georg Heinrich Weise.
(Fortsetzung folgt.)

*) An obige Adresse wolle sich wenden, wer die Originale dieser nur stylistisch hier und da ein wenig veränderten Briefe zu recognoscieren wünscht. **D. Red.**

) 70 Tage nach Brasilien sind für ein Segelschiff allerdings keine schnelle und kurze, aber auch keine ungewöhnlich lange Reise. Schlechte Kost fällt natürlich nicht dem Schiffe, sondern den Expedienten zur Last. Capitän und Mannschaft mögen zwar nicht die auserlesensten gewesen sein, aber doch wol etwas besser als hier geschildert. In der neusten Liste der Oldenburger Schiffe finden wir den „Komet“ unter ein neues Commando, Högemann, gestellt. **D. Red.

Nr. 31, 4. August 1857

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049548

Briefe aus Brasilien

Gebrüder

Joh. Georg Heinrich u. Friedrich Ernst Weise aus Wittmannsgereuth bei Saalfeld,
an Christoph Weise in Bechstedt bei Königssee.

II.

10. Sept. 1855. Mein Bruder hat zwar eine lange und schlechte Reise überstanden, befindet sich aber sehr wohl und arbeitet bis jetzt bei mir auf meinen Pflanzungen. Er fühlt sich glücklich und zufrieden, und es ist eine wahre Lust, ihn vom frühen Morgen bis zum späten Abend in Thätigkeit zu sehen. Er stellt sich schon ganz vorn an, was bei neuen deutschen Einwanderern nur selten vorkommt. Wie froh bin ich jetzt, daß ich nicht wie sonst bei allen Kleinigkeiten dabei sein muß! Weil ich sonst noch Niemand um mich, Arbeit aber vollauf habe, kann ich ihn sehr gut brauchen. Wenn ich noch meine Mutter und mehrere meiner Freunde bei mir haben könnte, wollte ich die Ueberfahrt gern bezahlen.

Vom November vorigen bis Ende Juli dieses Jahres haben wir merentheils Regen, kaltes und schlechtes Wetter gehabt, obgleich Januar und Februar bei uns Sommer und sonst die wärmste Zeit ist. Wie oft haben wir auf Sonnenschein gehofft. machte sich ja der Himmel einaml hell, daß man kein Wölkchen mehr sah, so war doch eine Stunde später das Blitzen und Donnern so arg, daß man glaubte, die Berge müßten zusammen fallen, und die Wässer so hoch, dass man oft nur mit einem guten Fahrzeug bis an mein Haus gelangen konnte. Die Lebensmittel stiegen furchtbar im Preise.

Lieber Schwager, Du hast Recht, Alles in der Welt hat zwei Seiten. Die erste Zeit im Urwalde vergeht nicht allemal, wie man es gern haben möchte. Mit der Wärme jedoch hat es keine Noth; man gewöhnt sich sehr bald daran; dabei verliert man die rothe Farbe etwas, welche aber wiederkommt, dies mag mit an den Lebensmitteln liegen, weil man die Südfrüchte noch nicht gewohnt ist. Wilde Thiere, z.B. Tiger und Tigerkatzen, gibt es wenig; es wird ihnen zu sehr nachgestrebt, weil sie manchmal Kälber und Schweine von der Weide holen, am liebsten holen sie die Hunde. Waldkatzen hingegen, die des Nachts dem Federvieh nachstreben, und Krokodile, die meist im Wasser leben, sind häufig. Alle Raubthiere aber werden binnen kurzer Zeit ziemlich ausgerottet. Auch die Indianer können das Knallen der deutschen Doppelgewehre und das Pfeifen der Spitzkugeln nicht gut vertragen. In der Meinung, die Deutschen würden enbenso wie die Brasilianer Reißaus vor ihnen nehmen und sich gutwillig Alles nehmen lassen, gingen sie an einer Stelle, wo nur zwei Mann zu Hause waren, auf diese los mußten aber ein paar Todte auf dem Platze lassen, warfen alle ihre Pfeile und Bogen weg und liefen eilig davon. Späterhin kann es vielleicht noch zu einem förmlichen Treffen kommen; doch hat dieß bei den vielen Deutschen, die ringsum wohnen, nichts zu sagen.

Daß ich in der Nähe des Stadtplatzes wohne, ist sehr viel werth. Wenn ich was zu kaufen habe, wird mir Alles im Hause abgeholt, und ich habe damit gar keine Mühe; die Leute vom Stadtlande kommen täglich zu mir und holen allerlei Kleinigkeiten ab.

Gut ist es hier für arme Leute; es fehlt an Arbeitskräften und die Löhne steigen. Kirche, Schule und Pfarrwohnung sollen gebaut werden; aber die Zimmerleute und andern Arbeiter reichen nicht aus. Mit Accordarbeit habe ich früher oft 3 Milreis täglich verdient, jetzt aber selbst zu viel zu thun. Ich muss dieses Jahr noch Maschinen bauen und nächstes Jahr wol auch Zuckerfabrik und Branntweinbrennerei.

Wenn Euch die Briefe nicht zu theuer kommen, so schreibet mir recht oft. Grüßet Brüder und Swchwestern, auch meines Bruders Vormund, dem ich wünsche, daß er das Gut, wonach er so sehr strebt, bald an sich bringen möchte. Sollte aber sein Vater nicht mehr wissen, wie er jenes Mal beim Kaufe den Aufsatz gemacht, so soll er die Reise nach Amerika machen; der Südwind wird ihn im atlantischen Meere fragen, über was er die Hände hoch gehalten und geschworen. In Wittmannsgereuth möchte ich nicht mehr wohnen. Kommen hier in Brasilien

aus jedem Haufe ein Dutzend Hunde, alt und jung, auf mich losgeschmettert, so haue ich mit zweischneidigen Instrumenten drein und werde sie los; dort aber würde ich mich in die ver --
-- Kette, die sich jetzt gebildet hat, nur noch mehr verwickeln.
Lebet wohl in Frieden!

Ernst Friedrich Weise.
(Fortsetzung folgt.)

Nr. 32, 11. August 1857

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049549

Briefe aus Brasilien

Gebrüder

Joh. Georg Heinrich u. Friedrich Ernst Weise aus Wittmannsgereuth bei Saalfeld,
an Christoph Weise in Bechstedt bei Königssee.

III.

Kolonie Blumenau, 24. Mai 1856. Ihr fragt ob wol einer von uns wieder nach Deutschland zurückkehren werde? Es ist möglich, aber die Zeit können wir nicht bestimmen, zumal wir wenig Lust dazu verspüren. Wohl ist Deutschland ein schönes Land, und könnte noch viel schöner sein, wenn manches dort anders wäre..... In Brasilien ist's umgekehrt. Bummler und Faullenzer füttern wir hier nicht und mit der Wahrheit kann Jedermann frei herausgehen. Nun will ich auch Eure Fragen beantworten. Um Heinrich habet keine Sorge mehr; er verdient monatlich 40 bis 50 Fl. und wird hier nicht verderben; im Gegentheil, auch körperlich verbessert er sich; ich wollte, Ihr könntet ihn als stattlichen Amerikaner wieder sehen. Für seine Ueberfahrt mußte er 80 Thaler bezahlen, so daß ihm in Hamburg nichts mehr zu verwechseln übrig blieb. Ein hiesiger Morgen Land hält nach Eurem Maß ungefähr 5/8; wo genug ist, wird nicht so genau hingesehen. Ein Milreis beträgt 25 Sgr. Unsere Lebensmittel sind nicht viel anders wie in Deutschland; der Unterschied besteht hauptsächlich im Brod; im wärmeren Klima gedeiht kein Korn, deßhalb haben wir bloß Weißbrod, welches alle 2 Tage gebacken wird, Fleisch hingegen viel mehr wie Ihr. Denn Vieh gibt es genug, besonders Schweine, die nicht viel Mühe machen. Wenn man Weide genug hat, so brauchen sie sehr wenig Futter und dabei machen sie doch besser wie bei Euch. Nur Mastvieh wird allein gefüttert, Rindvieh alles von der Weide geschlachtet. Weil ich bisher noch nicht Weide und Futter genug hatte, hielt ich nur 10 Schweine, werde aber bald mehr anschaffen, und 2 Kühe mit Kälbern. Nach der furchtbaren Ueberschwemmung, welche uns vorm Jahre heimsuchte, wurde das Vieh sehr theuer. Am 17. November nämlich fing es an so stark zu regnen, daß am folgenden Nachmittag der gewöhnliche Wasserstand schon um 34 (?) Fuß überstiegen war und vom Stadtlände Signal- und Nothschüsse zu mir herüber schallten. Zwei Stunden später nahm es bei uns Haus und Hof mit. Wir verloren unter andern einen Vorrath Mais, 200 Milreis werth, und im Küchengarten lag der Schlamm 2 Fuß hoch. Glücklicherweise lag ein Nebengebäude, worin eine Mandiocamaschine aufgestellt werden sollte, 20 Fuß höher: dorthin konnten wir, bis das Wasser den Zugang versagte, einige Sachen retten. Am härtesten waren die Ansiedlungen nächst den Itajahy-Ufern betroffen. Man glaubte, dieses Unglück würde den Tagelöhnern, welche alles kaufen müssen, am meisten fühlbar werden; aber im Gegentheil, je theurer die Lebensmittel, desto höher steigen die Arbeitslöhne und die Handarbeiter hatten immer den besten Vortheil in Händen, und wollen obendrein noch sehr fein behandelt sein. Mir fehlt es seit 4 Monaten nicht mehr an Arbeitern und ich bin ganz zufrieden mit ihnen. Die ersten und nöthigsten Maschinen habe ich einem Leipziger, Names Köhler, in Accord gegeben. Maschinenbauer und Zeugarbeiter erhalten 2 Milreis täglich nebst Kost; ich glaube aber, daß, weil jetzt die Schiffe mit Auswanderern direct hieher kommen und wol mehr Leute als früher bringen, die Arbeitslöhne etwas billiger werden. Die Stadt mit ihren Hütten und Häusern nähert sich meinem Lande immer mehr. Preilipper aus Kirchhasel, der eine Zeitlang in meinem Nebengebäude wohnte, hat sich nicht weit von mir angebaut. Sollte ich etwas vergessen haben, so wird es Heinrich im nächsten Briefe schreiben.

Ernst Weiß.

IV.

Kolonie Blumenau, 10. October 1856. Lieben Freunde! Am 24. September verheirathete sich mein Bruder mit der Tochter der Familie Köhler, Ansiedlung No. 3, welche im Jahre 1853 aus Möschlitz im Fürstenthum Greiz hierher auswanderte. Zweitens trat mein Bruder am 1. October auf dem Gute des Hrn. Dr. Blumenau, wo er bisher als Tagelöhner gearbeitet, als Pächter ein und übernahm dabei eine große Viehzucht nebst Zuckerfabrik und Branntweinbrennerei. Das erste halbe Jahr arbeitete ich bei meinem Bruder, dann 5 Monate in einer Sägemühle; jetzt bin ich wieder bei meinem Bruder als Verwalter auf dem Pachtgute und auf seiner Kolonie.

Heinrich Weise.

Nr. 33, 18. August 1857

https://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jpvolume_00049550

Briefe aus Brasilien

Gebrüder

Joh. Georg Heinrich u. Friedrich Ernst Weise aus Wittmannsgereuth bei Saalfeld,
an Christoph Weise in Bechstedt bei Königssee.

V.

Kolonie Blumenau, 24. October 1856. Möchte unsere ganze Freundschaft in Deutschland so friedlich mit einander leben, wie wir hier! Und doch wäre ich manchmal lieber bei Euch an der Arbeit als hier an meinem Notizbuche. Meine jetzige Lage ist eine ganz andere als alle früheren. Mit Gottes Hülfe bin ich nun so weit gekommen, als ich vor 10 Jahren nimmermehr geglaubt hätte, und mit Brasilien so weit sehr zufrieden; aber Deutschland geht mir manchmal immer noch im Kopfe herum. Da es nun bei euch Winter wird und Ihr mitunter nicht viel zu thun habt, so wünschte ich, Ihr könntet zur Aushülfe herüber kommen und ein wenig mit angreifen. Bei uns ist jetzt Frühjahr und wir können gar nicht Arbeiter genug zusammen bringen, um mit unsern Pflanzungen fertig zu werden. Aus meines Bruders Zeilen, habt Ihr vernommen, daß wir jetzt zwei Wirthschaften haben; das von Dr. Blumenau erpachtete Gut ist das größte in hiesiger Kolonie, und meine Pflanzungen sind auch nicht klein. Eben weil ich selber schon Land genug habe, hätte ich keines zu pachten gebraucht. Aber Dr. Blumenau that es nicht anders; ich war erstaunt, von ihm zu hören, ich wäre der Einzige auf der Kolonie, welchen er als Landwirth erprobt habe; er wüschte sein Gut von mir nach deutscher Art in Stand gesetzt zu sehen. Nun bot er mir einen sehr günstigen Contract an, ohne Caution zu verlangen, während viele Andere, die sich darum bewarben und Caution stellen wollten, nicht in Betracht kamen. Im ersten Jahre gebe ich gar kein und später ein sehr billiges Pachtgeld, obgleich die Großviehzucht so bedeutend, daß ich noch nicht weiß, wie viel Stück auf der Weide, und obgleich auch Zuckersiederei und Branntweinbrennerei mir im schönsten Stande mit überlassen wurden.

Nächstens werde ich einen Versuch machen, mit dem Pfluge zu arbeiten, und dabei wol viele Zuschauer haben, da dieß hier zu Lande etwas ganz Neues (ist). Hr. Dr. Blumenau ließ den Pflug aus Deutschland kommen.

Die Theurung hat noch immer nicht aufgehört, sondern noch vielmehr zugenommen.

Viele Grüße von meiner Frau und meinen Schwiegereltern und es thut ihnen leid, Euch nicht schon in Deutschland gekannt zu haben.

Ernst Weise.

N.S. 10. November. Sonderbar, wie geregelt hier Alles geht! Diesen Brief, welcher schon bald in Southampton sein könnte oder sollte, finde ich heute noch hier. Deßhalb will ich noch bemerken, daß gestern die Nachricht hier eintraf, im Süden steige die Theurung noch immer, und daß auch hier Alles heute noch theurer wurde. Ein Nösel Schnaps kostet 6, das Pfund Zucker 4-5, das Pfund Butter 16 Silbergroschen, in Sta. Catharina sogar 1 Milreis. Das Pfund Speck habe ich schon die ganze Zeit mit 14 Sgr. verkauft; 4 Eier kosten 3, das Pfund Schweinefleisch 9 Sgr. Ein Paar Zugoehsen kosten 200 Milreis, eine Kuh 70-80; ein Sack Bohnen (etwa 3/8 Eures Gemäßes) 16 Milreis schon ein halbes Jahr. Alles in Folge der Nässe und Kälte, die kein Ende nehmen will; wir haben dießmal wieder ein spätes Frühjahr. Am 16.

August gab's Reif zwei Finger hoch und an vielen Stellen Eis; das war für Brasilier, die schon bei 10 Grad Wärme erfrieren wollen, eine grimmige Kälte.

Schreibt mir, wenn es Euch nicht zu viel Kosten macht, recht oft; mir ist kein Brief von Euch zu teuer.

D. O.

ANEXO B: QUADRO COMPARATIVO

TF: Der Pilot (n. 30, 28. Juli 1857)	Tradução A: arquivo (?)	Tradução B: “Blumenau em Cadernos (1963)	Excertos - C: “Bendocchi Alves em Blumenau em Cadernos (2000)”	Tradução proposta, primeira versão (esboço)
Briefe aus Brasilien	Cartas, publicadas na Alemanha, escritas por imigrantes de Blumenau.	DOS TEMPOS DA COLÔNIA		Cartas do Brasil
	Do semanário “Der Pilot”, anexo do “Jornal Geral de Emigração” — „Allgemeine Auswanderungs-Zeitung”, n.º 30, de 30 de julho de 1857.	Cartas dos irmãos Johann Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise, naturais de Wittmansgereuth, próximo de Saalfeld, imigrantes na Colônia de Blumenau, dirigidas a Christoph Weise, em Bechstedt, perto de Koenigsee, publicadas em “Der Pilot”, suplemento literário semanal do “Jornal Geral de Emigração” — “Allgemeine Auswanderungs-Zeitung”, Rudolstadt, nrs. 30, 31, 32 e 33, Julho/Agosto de 1857.		Irmãos Joh. Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise de Wittmansgereuth próximo a Saalfeld, a Christoph Weise em Bechstedt próximo a Königssee. *)
Gebrüder Joh. Georg Heinrich u. Friedrich Ernst Weise aus Wittmansgereuth bei Saalfeld, an Christoph Weise in Bechstedt bei Königssee. (*)	Johann Georg Heinrich Weise, natural de Wittmansgereuth, próximo de Saalfeld, escreve a seu irmão Christoph Weise, estabelecido em Bechstedt, perto de Koenigsee:	-----//-----		I.
I.				I.

<p>Kolonie Blumenau, 10. Sept. 1855.</p>	<p>Colônia de Blumenau, 10 de Setembro de 1855.</p>	<p>Colônia de Blumenau, 10 de Setembro de 1855.</p>	<p>-</p>	<p>Colônia Blumenau, 10 de Setembro de 1855.</p>
<p>Nach einer langen und schlechten Reise in Brasilien angekommen, will ich einiges über dieselbe mittheilen.</p>	<p>Chegado ao Brasil, após longa e péssima viagem, quero contar-he algo sôbre a mesma.</p>	<p>Depois de longa e péssima viagem chegado ao Brasil, quero comunicar algo sôbre a mesma.</p>	<p>-</p>	<p>Chegado ao Brasil após uma viagem longa e ruim, quero comunicar alguma coisa sobre ela.</p>
<p>Gleich bei der Einschiffung am 21. Mai auf dem Oldenburger „Comet“, Cpt. Wilken, gab es Cravall.</p>	<p>Logo após depois do embarque, a 21 de maio, no navio oldenburguense „Comet“, sob o Com^{te}. Wilken, houve barulho.</p>	<p>Logo após o embarque, em 21 de maio, no navio oldenburguense “Comet”, sob o Comte. Wilken, houve barulho.</p>	<p>“... Logo durante o embarque no navio “Comet” de Oldenburg, do capitão Wilken, no dia 21 de maio (1855) houve desordem.</p>	<p>Logo durante o embarque no “Comet” de Oldenburg, sob o comando do capitão Wilken, em 21 de maio, houve tumulto.</p>
<p>Im Zwischendeck waren so viele Kisten und so wenig Raum für die Menschen, daß die Hafenz Polizei einschreiten mußte.</p>	<p>No entre-ponte havia tantos caixotes e tão pouco espaço para os passageiros que a polícia do porto precisou intervir no conflito.</p>	<p>No convés havia tantos caixotes e tão pouco espaço, para os passageiros, que a polícia do porto precisou intervir na manifestação de descontentamento.</p>	<p>Na entrecoberta do navio havia tantas caixas e tão pouco espaço para as pessoas, que a polícia portuária teve que intervir.</p>	<p>Na entrecoberta havia tantas caixas e tão pouco espaço para as pessoas que a polícia portuária teve de intervir.</p>
<p>Dieselbe schlug wegen Beschwerde über schlechte Kost einen Küchenzettel an, welcher aber am andern Tage, als das Schiff abgegangen war, vom zweiten Steuermann wieder abgerissen wurde.</p>	<p>Esta afixou também um cardápio, devido às reclamações sôbre a comida ruim, que logo no segundo dia, após a largada, entretanto, o 2º piloto arrancou.</p>	<p>Devido as queixas sôbre a comida ruim, a mesma afixou também um cardápio, o qual o segundo piloto, entretanto, já no 2.º dia após a largada, arrancou novamente.</p>	<p>Ela mesma afixou uma lista devido às reclamações sobre a má alimentação que foi arrancada pelo segundo timoneiro no dia seguinte quando o navio partiu.</p>	<p>Esta afixou um cardápio por conta de reclamações quanto à comida ruim, o qual contudo, foi arrancado pelo segundo timoneiro no dia seguinte, assim que o navio havia partido.</p>

<p>Mit schlechter Kost und vieler Grobheit behandelt, brachten wir kaum das liebe Leben nach Brasilien, und ich will deßhalb Jedermann warnen, mit dem Schiffe „Comet“, Cpt. Wilken, zu fahren, welches ein großer Schnellsegler sein sollte, auf unserer und seiner vorigen Reise aber – 14 Wochen nach Nordamerika – sich als Gegentheil erwies.**)</p>	<p>Em consequência da pessima alimentação e muita brutalidade, mal chegamos com vida ao Brasil, e quero advertir a todos, a não embarcarem no navio “Comet”, ou com o Comandante Wilken, pois constando como veleiro grande e rápido, na nossa viagem e a anterior, – 14 semanas até America do Norte, êle desmentiu esta fama.</p>	<p>Sob péssima alimentação e muita estupidez, mal conseguimos chegar vivos ao Brasil, e quero advertir a todos, para não embarcarem no navio “Comet”, e sob o Comte. Wilken, pois tendo o mesmo a fama de ser um veleiro grande e rápido, desmentiu este conceito na nossa viagem, como na anterior à America do Norte, quando levou 14 semanas.</p>	<p>Tratados com má alimentação e muita grosseria, quase não conseguimos chegar com vida ao Brasil e eu quero portanto advertir a todos para não viajarem com o navio “Comet”, capitão Wilken, que deveria ser um navio à vela rápido, mas que na sua última viagem – 14 semanas para a America do Norte – veio provar o contrário.</p>	<p>Com comida ruim e tratados com muita grosseria, mal conseguimos chegar vivos ao Brasil, e por isso quero alertar a todos para que não viajem com o navio “Comet”, Capitão Wilken, o qual deveria ser um grande e rápido veleiro, mas que se provou o contrário em nossa, bem como em sua última viagem – 14 semanas até a America do Norte.**)</p>
<p>Endlich am 2. August kamen wir in der Stadt San Francisco an und zwei Tage später in Dona Francisca.</p>	<p>Finalmente, a 2 de agosto, chegamos à cidade de São Francisco, e, dois dias depois, em Dona Francisca.</p>	<p>Finalmente no dia 2 de agosto, nós chegamos à cidade de São Francisco, e dois dias depois em Dona Francisca.</p>	<p>Enfim, no dia 2 de agosto chegamos à cidade de São Francisco e dois dias mais tarde à Dona Francisca.</p>	<p>Finalmente, em 2 de agosto, chegamos à cidade de São Francisco, e dois dias depois, a Dona Francisca.</p>
<p>Nach 14 Tagen nahm ein Fahrzeug von Itajahy unsere Kisten auf und wir machten die Reise nach der Kolonie Blumenau zu Fuß.</p>	<p>Depois de 14 dias, transportou uma embarcação do Itajaí os nossos caixotes, enquanto nós empreendemos a pé, a viagem à Colônia de Blumenau.</p>	<p>— 14 dias depois, transportou uma embarcação do Itajaí os nossos caixotes, enquanto nós empreendemos a viagem à Colônia de Blumenau a pé.</p>	<p>Depois de 14 dias, um carro de Itajahy apanhou as nossas caixas e nós fomos a pé para a colônia Blumenau.</p>	<p>Passados 14 dias, uma embarcação de Itajaí apanhou nossas caixas e nós fizemos a pé a viagem até a Colônia Blumenau.</p>
<p>Unterwegs mußten wir mehrentheils bei</p>	<p>Nêste percurso posamos várias vêzes nas casas de</p>	<p>Nêste percurso devíamos pousar várias vêzes em casa</p>	<p>Durante a viagem, tivemos muitas vezes</p>	<p>No caminho precisamos ficar frequentemente na casa de</p>

<p>Brasilianern bleiben, welche wir nicht verstehen konnten, uns aber gut aufnahmen.</p>	<p>brasileiros, cuja lingua não entendíamos, mas os quais nos acolheram muito bem.</p>	<p>de brasileiros, cujo idioma nós não compreendíamos, os quais nos acolheram, entretanto, muito bem.</p>	<p>que nos hospedar nas casas de brasileiros, que não conseguíamos entender mas que nos acolheram muito bem.</p>	<p>brasileiros, os quais não conseguimos compreender, mas que nos receberam bem.</p>
<p>Am 23. August waren wir zur Stelle.</p>	<p>A 23 de agosto alcançamos o nosso destino.</p>	<p>A 23 de agosto alcançamos o nosso destino.</p>	<p>Chegamos no dia 23 de agosto.</p>	<p>Em 23 de agosto havíamos chegado.</p>
<p>Staunend sah ich die Pflanzung meines Bruders.</p>	<p>Fiquei deveras admirado com a plantação de meu irmão.</p>	<p>Com admiração observei a plantação de meu irmão.</p>	<p>-</p>	<p>Com espanto observei a plantação de meu irmão.</p>
<p>Während einige meiner Reisegefährten bei ihren Verwandten auf der Kolonie Dona Francisca nicht fanden, was sie erwartet hatten, und folgenden Tages meinten, mein Bruder werde mich wol ebenfalls getäuscht haben, traf ich schon unterwegs Leute, welche meinen Bruder kannten und durch Andeutung seiner Verhältnisse mir das Herz erleichterten.</p>	<p>Enquanto alguns dos companheiros de viagem, na Colônia de Dona Francisca não haviam encontrado nos seus parentes, o que esperavam, me disseram depois, que o meu irmão, certamente também me havia ludibriado, da conversa de conhecidos de meu irmão, que encontrei na viagem, eu já havia feito deduções que aliviarão-me o coração.</p>	<p>Tendo alguns dos meus companheiros de viagem, não encontrado na propriedade dos seus parentes, na Colônia Dona Francisca, o que eles esperaram, e dito depois que, certamente, também o meu irmão me ludibriara, já através das alusões feitas por conhecidos de meu irmão, que encontrei na caminhada, fiquei com o coração aliviado, quanto à sua situação.</p>	<p>-</p>	<p>Enquanto alguns dos meus companheiros de viagem não encontraram junto a seus parentes na Colônia Dona Francisca aquilo que haviam esperado e, no dia seguinte, dissessem que meu irmão também havia me enganado, encontrei já pelo caminho gente que conhecia meu irmão e por referência às suas condições, aliviarão-me o coração.</p>
<p>Von 150 Morgen Land sind zwei große Stücken mit Mandioca, einige mit Mais und Kartoffeln,</p>	<p>Dos seus 150 _____ há duas áreas grandes com plantações de mandioca, outros lugares com milho e</p>	<p>De 150 morgues, de terra, há duas áreas grandes com plantação de mandioca, outras com milho e batatas, e</p>	<p>-</p>	<p>De 150 morgos de terra, dois grandes pedaços estão plantados com mandioca, alguns com milho e batata, alguns com arroz e</p>

einige mit Reis und Bohnen bestellt.	batatas, como também arroz e feijão.	também de arroz e feijão.		feijão.
Anderer Flecken werden noch jetzt bepflanzt.	Outras estas áreas se encontram em preparo.	Outras áreas estão em preparo para a plantação.	-	Outros trechos estão sendo plantados agora.
Vieles ist schon eingeerntet, Kartoffeln verkaufen wir noch alle Tage.	Algumas colheitas já foram feitas – batatas vendemos ainda todos os dias.	Várias colheitas já foram feitas, assim a de batatas das quais ainda vendemos diariamente.	-	Muito já foi colhido, batatas ainda vendemos todos os dias.
Sein Viehstand besteht nur erst in 3 Schweinen, Hühnern und Enten.	De gado êle possui três porcos, galinhas e patos.	A posse de gado só consiste em 3 porcos e galinhas e patos.	-	Sua criação ainda consiste apenas em 3 porcos, galinhas e patos.
Wir müssen erst noch mehr Wald abhauen und mehr Weide schaffen.	Para aumentar a criação, precisamos primeiro desmatar outras áreas, e preparar pastagem.	É necessário desmatar outras áreas para preparar pastagens.	-	Precisamos primeiro derrubar mais mato e abrir espaço para mais pasto.
An Fleisch aber ist kein Mangel; Wild gibt es im Ueberfluß; erst kurz vor meiner Ankunft hatte mein Bruder ein Reh geschossen und ein zweites in einer Wildfalle gefangen, auch schießt er täglich mehrere Hühner.	Falta de carne, porém, aqui não há, existe caça em abundância, assim meu irmão havia atrado um veado, pouco antes da minha chegada, tendo pegado outro numa armadilha, matando ainda, diariamente, grandes aves galináceas.	De carne, entretanto, não há falta, pois caça existe em abundância; assim, antes da minha chegada, meu irmão havia caçado um veado à espingarda, tendo agora já pegado outro em uma armadilha, matando ainda, diariamente, grandes aves galináceas.	Não há falta de carne; carne selvagem há em abundância. Um pouco antes da minha chegada meu irmão caçou uma onça e capturou uma segunda numa armadilha na floresta. Ele também mata várias galinhas por dia.	Falta de carne, porém, não há; caça há em abundância; logo antes de minha chegada, meu irmão havia matado um veado e pegado outro em uma armadilha; todos os dias ele também abate várias aves silvestres.
Johann Georg Heinrich Weise.	Johann Georg Heinrich Weise	Johann Georg Weise.	-	Johann Georg Heinrich Weise. (continua)

(Fortsetzung folgt.)				
<p>*) An obige Adresse wolle sich wenden, wer die Originale dieser nur stylistisch hier und da ein wenig veränderten Briefe zu recognoscieren wünscht.</p> <p>D. Red.</p>	-	-	-	<p>*) Queira digir-se ao endereço acima quem desejar verificar os originais destas cartas apenas um pouco alteradas estilisticamente aqui e ali.</p> <p>O redator.</p>
<p>***) 70 Tage nach Brasilien sind für ein Segelschiff allerdings keine schnelle und kurze, aber auch keine ungewöhnlich lange Reise. Schlechte Kost fällt natürlich nicht dem Schiffe, sondern den Expedienten zur Last. Capitän und Mannschaft mögen zwar nicht die auserlesensten gewesen sein, aber doch wol etwas besser als hier geschildert. In der neusten Liste der Oldenburger Schiffe finden wir den „Komet“ unter ein neues Commando, Högemann,</p>	-	-	-	<p>***) 70 dias até o Brasil não são, por um lado, uma viagem rápida e curta; por outro, também não são uma viagem extraordinariamente longa. Comida ruim naturalmente não é culpa do navio, mas dos expedientes. Capitão e tripulação podem não ter sido os mais diligentes, mas certamente melhores do que aqui retratados. Na mais nova lista dos navios de Oldenburg encontramos o “Komet, posto sob um novo comando, o de Högemann.</p> <p>O redator.</p>

gestellt.	D. Red.			
------------------	----------------	--	--	--

ANEXO C: TRADUÇÃO FINAL

Der Pilot, n. 30, 28 de julho de 1857

Cartas do Brasil

Irmãos

Joh. Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise
de Wittmangereuth próximo a Saalfeld,
a Christoph Weise em Bechstedt próximo a Königssee. *)

I.

Colônia Blumenau, 10 de setembro de 1855. Chegado ao Brasil após uma viagem longa e ruim, quero comunicar alguma coisa sobre ela. Logo durante o embarque no “Comet” de Oldenburg, sob o comando do capitão Wilken, em 21 de maio, houve tumulto. Na entrecoberta havia tantas caixas e tão pouco espaço pras pessoas que a polícia portuária teve de intervir. Esta afixou um cardápio por conta de reclamações quanto à comida ruim, o qual, contudo, foi arrancado pelo segundo timoneiro no dia seguinte, assim que o navio havia partido. Com comida ruim e tratados com muita grosseria, mal conseguimos chegar vivos ao Brasil, e por isso quero alertar a todos para que não viajem com o navio “Comet”, Capitão Wilken, o qual deveria ser um grande e rápido veleiro, mas que se provou o contrário em nossa, bem como em sua última viagem – 14 semanas até a América do Norte.**)

Finalmente, em 2 de agosto, chegamos à cidade de São Francisco, e dois dias depois, a Dona Francisca. Passados 14 dias, uma embarcação¹ do Itajaí apanhou nossas caixas e nós fizemos a pé a viagem até a Colônia Blumenau. No caminho precisamos ficar frequentemente na casa de brasileiros, os quais não conseguíamos compreender, mas que nos receberam bem. Em 23 de agosto havíamos chegado.

Com espanto observei a plantação de meu irmão. Enquanto alguns dos meus companheiros de viagem não encontraram junto a seus parentes na Colônia Dona Francisca² aquilo que haviam esperado e, no dia seguinte, dissessem que ele havia me enganado, encontrei já pelo caminho gente que conhecia meu irmão e por referência às suas condições, aliviaram-me o coração. De 150 morgos³ de terra, dois

¹ O termo “Fahrzeug” é bastante neutro e pode ser traduzido, em geral, como “veículo”. No entanto, dado que o acesso à colônia, em seus primórdios, dava-se sobretudo por via fluvial, sendo o rio Itajaí navegável até à altura da sede, tudo leva a crer que se tratasse de algum tipo de embarcação.

² Colônia estabelecida ao norte da Província de Santa Catarina em terras transferidas em 1840 pelo Governo Imperial ao Príncipe de Joinville, como dote por seu casamento com D. Francisca, irmã mais nova do Imperador. A colonização foi organizada por contrato com a “*Hamburger Kolonisations Verein von 1849*”. O naturalista e explorador J.J. von Tschudi, tendo-a visitado em 1861, faz duras críticas ao sistema vigente, o qual considerava impeditivo para a prosperidade dos colonos e o principal motivo para ali ter se fixado apenas um terço dos 8000 imigrantes destinados à colônia. (cf. TSCHUDI, 1866, p. 362).

³ Um morgo corresponde tradicionalmente à área possível de ser arada em uma manhã (Morgen) por uma junta de bois; o morgo prussiano (a partir de 1793), conforme a medida de Magdeburg, equivale a cerca de um quarto de hectare, tendo portanto as terras aqui referidas uma área corresponde a aproximadamente 38 hectares.

grandes pedaços estão plantados com mandioca, alguns com milho e batata, alguns com arroz e feijão. Outros trechos estão sendo plantados agora. Muito já foi colhido, batatas ainda vendemos todos os dias. Sua criação ainda consiste apenas em 3 porcos, galinhas e patos. Precisamos primeiro derrubar mais mato e abrir espaço pra mais pasto. Falta de carne, porém, não há; caça há em abundância; logo antes de minha chegada, meu irmão havia matado um veado e pegado outro em uma armadilha; todos os dias ele também abate várias aves silvestres.

Johann Georg Heinrich Weise.

(continua)

*)⁴ Queira dirigir-se ao endereço acima quem desejar verificar os originais destas cartas apenas um pouco alteradas estilisticamente aqui e ali. **O redator.**

) 70 dias até o Brasil não são, por um lado, uma viagem rápida e curta; por outro, também não são uma viagem extraordinariamente longa. Comida ruim naturalmente não é culpa do navio, mas dos expedientes. Capitão e tripulação podem não ter sido os mais diligentes, mas certamente melhores do que aqui retratados. Na mais nova lista dos navios de Oldenburg encontramos o “Comet”, posto sob um novo comando, o de Högemann. **O redator.

⁴ Estas são notas de rodapé da própria publicação no folheto em alemão, ausentes nas traduções prévias dessas cartas, mas de grande importância, especialmente a primeira delas. Ainda que se procure crer na imparcialidade do editor, é impossível estimar o grau de fidelidade ou censura ou o caráter eufemístico por detrás da expressão: “apenas um pouco alteradas estilisticamente aqui e ali.”

Der Pilot, n. 31, 4 de agosto de 1857

Cartas do Brasil

Irmãos

Joh. Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise
de Wittmansgereuth próximo a Saalfeld,
a Christoph Weise em Bechstedt próximo a Königssee.

II.

10 de setembro de 1855. Meu irmão aguentou de fato uma viagem longa e ruim, mas se encontra muito bem e agora trabalha comigo em minhas plantações. Ele sente-se feliz e contente, e me dá muita satisfação vê-lo trabalhando desde manhã cedo até tarde da noite. Ele também já toma a frente, o que é raro acontecer com novos imigrantes alemães.

Estou muito feliz agora que não preciso mais ficar de olho em todos os detalhes como antes! Por ainda não ter ninguém junto comigo além dele, mas muito trabalho, posso empregá-lo bem. Se eu também pudesse ter minha mãe e vários dos meus amigos aqui comigo, eu pagaria com gosto pela travessia.

De novembro passado até o fim de julho deste ano tivemos sobretudo chuva, bem como tempo frio e ruim, embora em janeiro e fevereiro seja verão pra nós e, pelo contrário, o faça o tempo mais quente. Quantas vezes esperamos por um raio de sol! Mas o céu mal clareava, que não se via nenhuma nuvenzinha, e uma hora depois os relâmpagos e trovões já eram tão assustadores que acreditávamos que os morros fossem desabar, e o nível das águas⁵ tão alto, que frequentemente só se podia alcançar minha casa com um bom veículo. O preço dos alimentos subiu terrivelmente.

Caro cunhado, tu tens razão, tudo no mundo tem dois lados. O começo no Brasil nem sempre transcorre como gostaríamos. O calor é menos problemático que se imagina; acostuma-se muito rápido a ele; assim, perde-se um pouco da cor vermelha, a qual porém retorna; isso pode ter a ver com os alimentos, porque ainda não se está acostumado aos frutos tropicais. De animais selvagens, como por exemplo tigres e gatos-tigres⁶ há pouco; eles são muito caçados, pois às vezes roubam os bezerros e porcos do pasto, levando preferencialmente os cães. Por outro lado, há abundância de gatos do mato, que à noite perseguem as aves, e crocodilos, que vivem principalmente na água. Mas todos os predadores, sempre que aparecem, estão

⁵ Note-se que talvez seja essa uma das primeiras menções por escrito com respeito ao clima e ao regime de cheias do rio Itajaí, que até hoje acomete a região. Sobre a influência do clima para os primeiros imigrantes do Vale do Itajaí, cf. SANTOS et. al., 2023 p. 135-155.

⁶ Aqui há uma interessante questão onomástica em jogo. Traduziu-se o termo “gatos-tigres” de forma literal buscando-se manter algo do estranhamento que há na tentativa de nomear o desconhecido, nesse caso a fauna local. A referência é provavelmente a “tigres grandes e pequenos”, embora seja sabido não haver tigres nem crocodilos no Brasil, mas sim onças e jacarés. A rigor, “Tigerkatzen” pode se referir a “tigres pequenos”, ou talvez, “pequenas onças”, como as jaguatiricas.

sendo erradicados. Tampouco os índios⁷ suportam o estrondo das espingardas duplas alemãs e o assobiar das suas balas. Achando que os alemães fugiriam deles assim como os brasileiros, e que se deixariam levar tudo, eles foram a um local em que só havia dois homens em casa e os atacaram, mas tiveram, contudo, que deixar alguns mortos ali, jogar fora todos seus arcos e flechas e fugir depressa. Futuramente talvez possa haver um encontro mais amistoso, mas isso nada tem a dizer pros muitos alemães que moram no entorno.

O fato de eu morar perto da praça é algo muito valioso. Quando tenho o que vender, tudo me é apanhado em casa, sem que eu precise fazer qualquer esforço; a gente do interior vêm diariamente à minha casa e levam tudo quanto é coisa.

Aqui é bom pra gente pobre; falta força de trabalho e os salários estão aumentando.

Igreja, escola e casa pastoral devem ser construídas; mas os carpinteiros e outros trabalhadores não são suficientes. Trabalhando por empreitada eu já ganhara muitas vezes 3 mil-réis por dia, mas agora tenho eu mesmo demais pra fazer. Ainda preciso construir máquinas esse ano, e no próximo, provavelmente também um engenho de açúcar e um alambique.

Se as cartas não lhes saírem muito caras, escrevam-me com frequência.

Saudai irmãos e irmãs, e também o tutor de meu irmão, a quem desejo, que em breve possa conseguir para si o bem pelo qual ele tanto se esforçou. Mas se acaso seu pai tiver se esquecido do mal negócio que fez aquela vez, então ele deve empreender a viagem à América; o vento sul vai lhe perguntar no mar Atlântico a respeito daquilo por que ele ergueu as mãos e jurou⁸. Em Wittmansgereuth eu não quero mais morar. Se aqui no Brasil aparecerem de tudo que é canto uma dúzia de cães⁹, velhos e jovens, ladrando pra cima de mim, ataco-os com lâminas de dois gumes e me livro deles; mas assim eu iria me enrolar ainda mais nessa mal-- --¹⁰ corrente de eventos que agora se estabeleceu.

Fiquem bem e em paz!

Ernst Friedrich Weise.

(continua)

⁷ Sobre as relações entre os imigrantes alemães e os povos originários no Vale do Itajaí, cf. WITTMANN, 2007.

⁸ Esta é uma passagem um tanto opaca, por referir-se ao contexto alemão anterior à emigração dos autores. Não é possível saber ao certo que tipo de mal negócio foi realizado, nem “por que” seu pai tenha “erguido as mãos e jurado”.

⁹ Talvez uma referência a possíveis credores, a partir do “mal negócio” referido acima.

¹⁰ No original “ver -- -- Kette”, em que os traços provavelmente significam a censura da expressão “*verdammte Kette*”, “maldita cadeia de eventos”. A censura explícita de uma palavra levaria a pensar se outros trechos das cartas não poderiam ter sido também censurados na publicação.

Der Pilot, n. 32, 11 de agosto de 1857

Cartas do Brasil

Irmãos

Joh. Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise
de Wittmansgereuth próximo a Saalfeld,
a Christoph Weise em Bechstedt próximo a Königssee.

III.

Colônia Blumenau, 24 de maio de 1856. Vocês querem saber se por acaso algum de nós retornará à Alemanha? É possível, mas não dá pra dizer daqui a quanto tempo, já que sentimos pouca vontade disso. A Alemanha é sim uma bela terra, e poderia ser ainda mais, se algumas coisas fossem diferentes aí... No Brasil é o contrário. Vadios e malandros não sustentamos aqui e qualquer um pode se expressar livremente. Agora vou responder às perguntas de vocês. Em relação a Heinrich, vocês não precisam mais se preocupar; ele ganha de 40 a 50 Fl¹¹ por mês e por aqui não vai perecer; pelo contrário, também fisicamente ele está melhorando; eu queria que vocês pudessem vê-lo como um “respeitável” americano. Por sua travessia ele teve de pagar 80 Táleres¹², de forma que não lhe sobrou mais nada para trocar em Hamburgo. Um morgo de terra daqui vale, segundo a medida de vocês cerca de $\frac{5}{8}$. onde há bastante, não se presta tanta atenção aos detalhes. Um mil-réis corresponde a 25 Sgr¹³. Nossos alimentos não são muito diferentes que na Alemanha; a diferença consiste principalmente no pão; no clima mais quente não vinga o grão [de trigo], por isso temos pão de milho¹⁴, que é feito a cada dois dias, carne, no entanto, temos muito mais que vocês. Isso porque há animais suficientes, principalmente porcos, que não dão muito trabalho. Se houver pasto suficiente, eles precisam de pouco trato e ainda assim se dão melhor que aí. Só o gado de engorda é tratado em separado, outros bovinos comem só do pasto. Até agora eu só tinha 10 porcos porque não havia pasto e trato suficientes, mas logo vou arrumar mais, e 2 vacas com bezerras. Após a terrível enchente que nos assolou no ano passado, o gado ficou muito caro. Precisamente no dia 17 de novembro começou a chover tão forte, que na tarde seguinte o nível habitual do rio já havia subido em 34 (?)¹⁵ pés e dos arredores da

¹¹ Abreviação de Florim (ou *Gulden*, em alemão), moeda equivalente a um centavo de ouro. Nesta conta, 40 Fl. valeriam 1600 Sgr. ou cerca de 53 Táleres. Parece muito dinheiro, mas todas as supostas equivalências devem ser relativizadas frente às menções feitas à crescente inflação.

¹² O Táler foi uma moeda de prata amplamente utilizada na Europa desde o início da Idade Moderna até o século XIX. Na primeira metade de tal século, 2 Táleres eram equivalentes a 3 $\frac{1}{2}$ Florins.

¹³ Sgr. é uma abreviação para “*Silbergroschen*” (algo como “grossos de prata”), moeda utilizada na Prússia e em territórios da Confederação Alemã de 1815. Trinta Sgr. equivalem a um Táler.

¹⁴ Na publicação original lê-se “*Weisbrot*” (pão branco). Na cópia datilografada do Arquivo Histórico de Blumenau, a palavra encontra-se “corrigida” para “*Maisbrot*” (pão de milho). A referência parece ser ao pão de milho que não necessita de trigo, mas é feito a partir de farinha de milho (fubá), misturado com inhame, tubérculo frequentemente encontrado nas margens dos rios. É possível que o editor alemão tenha feito essa alteração por desconhecimento da situação local.

¹⁵ A interrogação consta na publicação alemã, talvez pelo espanto com a medida.

colônia me ecoavam tiros de sinal e alerta. Duas horas depois a água nos tomou a casa e tudo o mais. Perdemos, dentre outras coisas, uma reserva de milho, no valor de 200 mil-réis, e no quintal a lama estava a dois pés de altura. Por sorte havia uma construção anexa, onde um engenho de mandioca deveria ser montado, que ficava vinte pés mais elevada: ali, enquanto a água nos permitia a passagem, pudemos salvar algumas coisas. Os assentamentos perto das margens do Itajaí foram os mais afetados. Achávamos que essa tragédia seria mais sensível aos trabalhadores diaristas, os quais precisam comprar de tudo; mas pelo contrário, os salários subiram ainda mais e os trabalhadores manuais saíram no lucro e ainda por cima querem ser muito bem tratados. Há 4 meses não me faltam mais trabalhadores, e estou bem satisfeito com eles. As primeiras e mais necessárias máquinas aluguei a um homem de Leipzig chamado Köhler. Construtores de máquinas¹⁶ e tecelões ganham dois mil-réis por dia, além da comida; mas eu acho que agora que os navios com emigrantes vêm direto pra cá, trazendo bem mais gente que antes, a mão de obra ficará mais barata. A cidade, com suas casas e (construções mais simples) choupanas, se aproxima cada vez mais das minhas terras. Preilipper, de Kirchhasel, que por um tempo morou na minha construção anexa, estabeleceu-se perto daqui. Caso eu tenha esquecido alguma coisa, Heinrich escreverá sobre isso na próxima carta.

Ernst Weiß. (sic.)

IV.

Colônia Blumenau, 10 de outubro de 1856. Caros amigos! Em 24 de setembro meu irmão se casou com a filha da família Köhler, do assentamento no. 3, que emigrou pra cá no ano de 1853, vinda de Möschlitz, no principado de Greiz. Além disso, em primeiro de outubro, meu irmão se tornou arrendatário das terras do Sr. Dr. Blumenau, onde antes ele tinha trabalhado como diarista, e assumiu assim uma grande criação de gado, além de engenho de açúcar e alambique. Durante o primeiro meio ano trabalhei com meu irmão, depois por 5 meses em uma serraria; agora estou de novo com meu irmão como administrador das terras arrendadas e de sua própria colônia.

Heinrich Weise.

¹⁶ “*Maschinenbau*” é hoje traduzido como “engenharia”, mas o termo atual não parece adequado ao contexto.

Der Pilot, n. 33, 18 de agosto de 1857

Cartas do Brasil

Irmãos

Joh. Georg Heinrich e Friedrich Ernst Weise
de Wittmangereuth próximo a Saalfeld,
a Christoph Weise em Bechstedt próximo a Königssee.

V.

Colônia Blumenau, 24 de Outubro de 1856. Que todos nossos amigos na Alemanha vivam juntos em paz, assim como nós aqui. Mas às vezes eu preferiria estar com vocês trabalhando que aqui no meu caderninho. Minha situação atual é bem diferente de todas as anteriores. Com a ajuda de Deus, cheguei aonde há dez anos jamais imaginava poder chegar e com o Brasil estou, até aqui, satisfeito; mas a Alemanha por vezes não me sai da cabeça. Já que agora é inverno pra vocês, e com isso vocês não têm muito o que fazer, eu desejaria que vocês pudessem vir ajudar e pegar um pouco no batente. Pra nós agora é primavera e não conseguimos juntar trabalhadores suficientes pra terminarmos nossas plantações. Da carta do meu irmão, vocês devem saber que agora temos dois empreendimentos; as terras arrendadas do Dr. Blumenau são as maiores aqui na colônia, e minhas plantações também não são pequenas. Justamente por eu mesmo já ter terra o bastante, não teria necessidade de arrendar mais nada. Mas, o Dr. Blumenau não me deixou escolha; fiquei surpreso ao ouvir dele que eu seria o único na colônia a quem ele havia aprovado como agricultor; ele quer ver suas terras cultivadas por mim segundo à maneira alemã. Por isso ele me ofereceu um contrato bem vantajoso, sem demandar caução; enquanto muitos outros, que se candidataram e queriam oferecer uma caução, não foram considerados. No primeiro ano não vou pagar nada, e depois, um valor muito barato pelo arrendamento, embora a criação de gado de porte seja tão significativa que eu nem sei quantas cabeças há no pasto e embora o engenho de açúcar e o alambique me tenham sido concedidos no melhor dos estados.

A seguir, farei uma tentativa de trabalhar com o arado, e nisso provavelmente terei muitos espectadores, já que isso é algo bem novo por aqui. O Dr. Blumenau mandou trazer o arado da Alemanha.

Muitas saudações de minha esposa e meus sogros, e eles lamentam não tê-los conhecido já na Alemanha.

Ernst Weise.

P.S. 10 de Novembro. É curioso como tudo vai tão regrado por aqui! Essa carta, a qual já poderia ou deveria estar em breve em Southampton, encontro aqui ainda hoje. Por isso, aproveito pra notar que ontem chegou a notícia de que no sul¹⁷ a inflação continua aumentando e que também aqui tudo ficou mais caro ainda. Uma dose de cachaça custa 6, a libra de açúcar 4-5, a libra de manteiga 16 Sgr., em Santa Catarina¹⁸ até 1 mil-réis. A libra de banha tenho vendido por 14 Sgr.; 4 ovos custam 3, a libra de carne de porco 9 Sgr. Uma junta de dois bois custa 200 mil-rés, uma vaca 70-80; um saco de feijão (cerca de $\frac{3}{8}$ da medida de vocês) 16 mil-réis já há meio ano¹⁹. Tudo por consequência da umidade e do frio, que não querem ter fim; temos dessa vez de novo uma primavera tardia. Em 16 de agosto houve geada de dois dedos de altura e, em muitos lugares, gelo; o que foi um frio cruel pros Brasileiros, que já morrem de frio num calor de 10 graus.

Escrevam-me com frequência se não lhes custar demais; pra mim, suas cartas são de um valor incalculável.

(No lugar)

¹⁷ Provavelmente uma menção às colônias no Rio Grande do Sul.

¹⁸ Provavelmente refere-se aqui à Ilha de Santa Catarina, onde ficava Desterro (atual Florianópolis), capital da província.

¹⁹ Seria interessante poder determinar, ao menos relativamente, o valor dessas moedas e seu poder de compra.